

MORRO DA CONCHA, O TESOURO E O MONSTRO:

HISTÓRIAS POPULARES DA BARRA DO JUCU,
VILA VELHA (ES)

Homero Bonadiman Galvêas
André Vianna Nascimento
Teresa da Silva Rosa
Melissa Ramos da Silva Oliveira
Elisabetta Bucolo
Michelle Bonatti
Stefan Sieber



MUS
Museu do Rio Doce



FAP
ES



UNIVERSIDADE
FEDERATIVA
DE VILA VELHA

ArqCidade



Revisão

André Vianna Nascimento
Homero Bonadiman Galvêas
Melissa Ramos da Silva Oliveira
Teresa da Silva Rosa

Projeto Gráfico

M^a Eduarda Fontes Domingues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M883 Morro da Concha, o tesouro e o monstro: histórias populares da Barra do Jucu, Vila Velha (ES) / Homero Bonadiman Galvêas, André Vianna Nascimento, Teresa da Silva Rosa, Melissa Ramos da Silva Oliveira, Elisabetta Bucolo, Michelle Bonatti, Stefan Sieber.

Vila Velha, ES: Editora da Universidade Vila Velha, 2025.

70 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

(Coleção Territórios em Risco)

ISBN 978-65-6013-151-4

1. Barra do Jucu, Vila Velha (ES) - Histórias. I. Galvêas, Homero Bonadiman. II. Nascimento, André Vianna. III. Rosa, Teresa da Silva. IV. Oliveira, Melissa Ramos da Silva. V. Bucolo, Elisabetta. VI. Bonatti, Michelle. VII. Sieber, Stefan.

CDD – 981.52

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

APRESENTAÇÃO COLEÇÃO TERRITÓRIOS EM RISCOS

A Coleção Territórios em Risco é uma iniciativa dos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade e em Sociologia Política, ambos da Universidade Vila Velha. Ela visa divulgar os resultados de projetos de pesquisa e de extensão em formato de livretos.

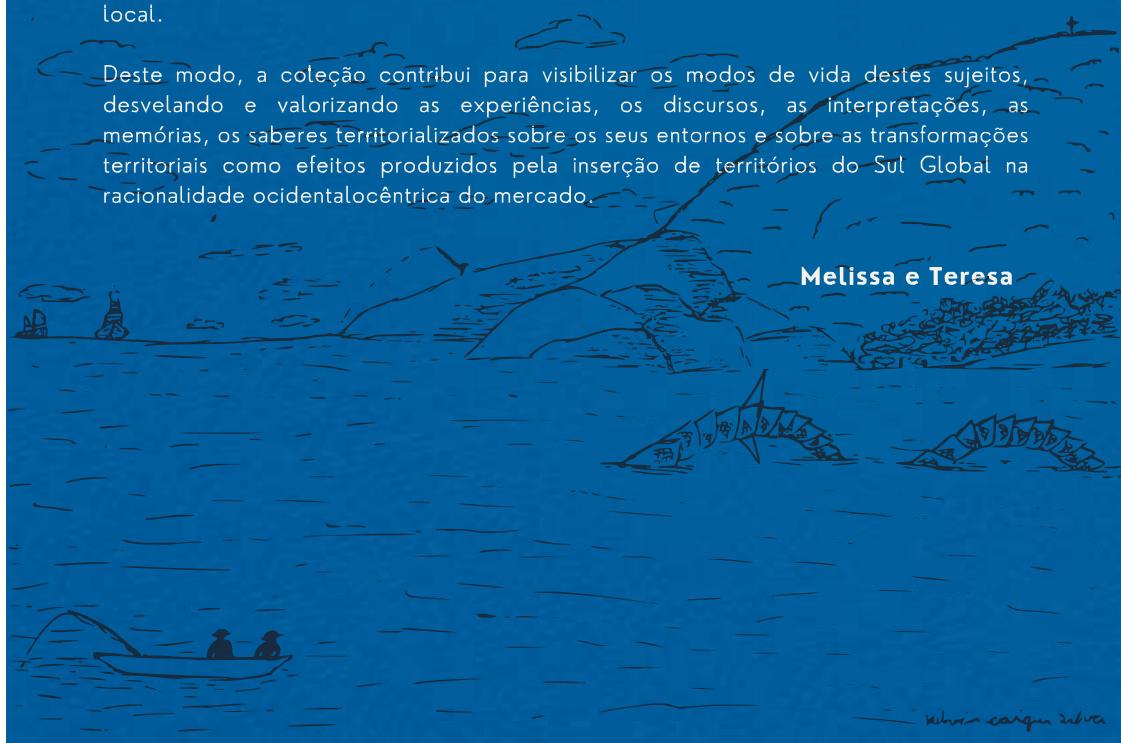
A Coleção Territórios em Risco privilegia projetos que promovam o diálogo entre comunidades territoriais vulnerabilizadas e pesquisadores, dando voz aos sujeitos do Sul Global Invisibilizados pelo modo de vida capitalista neoliberal na sua racionalidade hegemônica do Norte Global.

A coleção assume que as comunidades vulnerabilizadas do Sul Global em suas próprias dinâmicas territoriais produzem saberes em um processo endógeno, orgânico e interdependente da realidade multidimensional, multitemporal e multiescalar capazes de expressarem modos de vida outros mais em consonância com a lógica ecológica local.

Deste modo, a coleção contribui para visibilizar os modos de vida destes sujeitos, desvelando e valorizando as experiências, os discursos, as interpretações, as memórias, os saberes territorializados sobre os seus entornos e sobre as transformações territoriais como efeitos produzidos pela inserção de territórios do Sul Global na racionalidade ocidentalocêntrica do mercado.

Melissa e Teresa

“Nós vimos cair queimadura”



PREFÁCIO

Meu bem... Me convidaram para passear na Barra,
Você não sabe o que aconteceu? Me apaixonei de cara!
(música de carnaval, bloco Surpresa)

A Barra do Jucu! Ah, a Barra!
(Suspiro desta que escreve!...)

Geograficamente, a Barra do Jucu é um bairro da cidade de Vila Velha, localizada no Estado do Espírito Santo. Já de acordo com a Wikipédia (rsrsrs), é um "balneário diferente" por suas origens históricas e guarda tradições religiosas e folclóricas, com festas e celebrações. Realmente, "ela" tem toda razão! A Barra do Jucu é um lugar diferente porque as inúmeras paisagens naturais "ganham vida" a partir das histórias e "causos" que vão sendo contados e registrados...

Do início dos anos 2000 para cá, o historiador Homero Bonadiman Galvêas tem se debruçado a pesquisar sobre a Barra do Jucu, sendo o livro "A história da Barra do Jucu gênese da cultura capixaba - desenvolvimento sociocultural da Grande Vitória" resultado desse trabalho. Pela convivência que tenho com ele desde 1994, posso afirmar que o seu mover é respaldado por dedicação pessoal e comprometimento com a pesquisa científica, fazendo dele um profissional que usa de extremo rigor e objetividade para trazer à público as origens deste balneário e também identificar os diversos elementos que contribuíram para a formação sociocultural do lugar. Também digo a todos que vão fazer essa viagem-leitura que este historiador que os conduzirá é um apaixonado! Isso não tira dele a credibilidade científica, mas explica o seu desejo de devolver à sua comunidade informações históricas que vão permitindo construir um sentimento de pertencimento que vai fortalecendo a relação do ser humano com a natureza. Esse é, sem dúvida, o maior legado que tem sido deixado por ele.

Nessa caminhada, ora ele segue sozinho, ora não! Na elaboração desse livro, ele encontrou outros pesquisadores viajantes que resolveram fazer a incursão com ele: André Vianna Nascimento, Teresa da Silva Rosa, Melissa Ramos da Silva Oliveira, Elisabetta Bucolo, Michelle Bonatti, Stefan Sieber e Maria Eduarda Fontes Domingues. E esses trouxeram para nós leitores um novo personagem: o **Prof. Merão**.

O lugar visitado é o Morro da Concha. Para aí, levo também a Banda Casaca, através da música "Barra" que diz que do alto do Morro tudo se vê: "a nossa Neymara Carvalho (campeã mundial de bodyboarding), o surf, a moqueca, a vida noturna, a Festa de São Benedito e o Carnaval". Vê-se também a fé que os pescadores possuíam em "Nossa Senhora da Penha", quando recorreram a ela para que intercedesse junto ao "Nosso Senhor Jesus Cristo" e fizesse com que os peixes voltassem para as redes, promessa realizada em meados do século XVIII.

De lá para cá, a fé permeia o pensar-fazer dos corajosos e destemidos pescadores que continuam a enfrentar os mares nem sempre calmos! Nesse lugar, também ficava uma figura histórica de grande importância: o "olheiro", responsável por anunciar a chegada dos cardumes, gritando e tocando uma buzina. Ele já não é mais visto! No início dos anos 1960, outra figura passou a ser vista recorrentemente no Morro da Concha: o francês Charles Baffet que tinha suas razões para estar na Barra.

No ano de 2010, os professores Homero e Renata Soraia de Assis, ambos atuando na UMEF Dr. Tuffy Nader idealizaram e realizaram o Projeto "Minha História / Minha Gente" que visava apresentar a história da Barra do Jucu através de uma "andada" pelo bairro, culminando na visita ao Morro da Concha. Me recordo das tantas vezes que parávamos nas imediações da maior escavação comandada pelo Charles Baffet com os alunos e, após o relato das incursões do desbravador francês pelo professor Homero. Esse era o último ponto da andada e também o momento que era esperado por todos. Ele dizia: "agora vou contar a LENDA DO MONSTRO MARINHO!". Todos ficavam ao redor dele, que gesticulava para encenar o medo que os pescadores Esmerino Laranja e João Valadares tiveram ao se depararem com um monstro: "Era um bicho deeeeeessssssseeee ttttaaaammmmaannhhhoooooo!!! Ennnnnnnnnnooooooorrrrrrmmmmmmeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!". Por fim, na Escola Tuffy, havia virado quase uma lenda entre os adolescentes sobre o jeito do Prof. Homero contar os "causos" da Barra.

Neste momento que escrevo, chego a sentir a brisa do mar e ouvir o barulho das ondas e a risada dos alunos jogando bola. Uns futebol e outros vôlei. Havia aqueles que preferiam apenas esticar suas cangas e ficar ali batendo papo. Quanto a nós professores, era o momento de descontração! Sentávamos na areia e ficávamos olhando para aqueles adolescentes que iam seguir suas vidas levando em suas memórias as lendas, os professores e a escola Tuffy Nader. O sentimento era de dever cumprido... Melhor, de histórias e lendas contadas! Todavia, o curso do mar e da história nunca é o mesmo! Mas, ao mesmo tempo, as marcas que ficam da história vivida podem ser inspiradoras e foi!

No ano de 2025, o Professor Homero encontra um outro professor-navegador, Daniel Ramalde de Almeida. Eles planejaram uma nova incursão: um CONCURSO DE DESENHOS SOBRE AS HISTÓRIAS DO MORRO DA CONCHA, com as turmas dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Ambos apresentaram, para a Equipe Pedagógica e a gestora, esta proposta e desde então a ideia foi ganhando ilustrações e cores. No dia 12 de junho, aconteceu no Auditório da mesma Unidade de ensino a Cerimônia de Premiação do Concurso. Inúmeros alunos tiveram seus desenhos reconhecidos por uma banca avaliadora como sendo passíveis de integrar a lista dos premiados; e assim foi. Entre aplausos e explanações sobre as Histórias do Morro da Concha, mais uma vez a certeza do dever cumprido veio na seleção desses desenhos para dar cores a esse ebook.

Acho que por isso sinto novamente o barulho das ondas e a brisa que ficou guardada na memória daquelas tardes... Barulho do mar e dos alunos da Tuffy Nader! Fico por aqui só aguardando a próxima aventura histórica ao lado do meu querido amigo Homero Bonadiman Galvêas!

**Renata Soraia de Assis Marvila,
Diretora da UMEF Dr. Tuffy Nader**



Alice Cristal da Vitória

SUMÁRIO

Bem vindo ao Morro da Concha!	06
1. O Morro da Concha	09
1.1. História do Morro da Concha	09
1.2. Parque Natural Municipal de Jacaranema	12
1.3. Morro da Concha e alguns saberes tradicionais locais	16
2. Tesouro	24
2.1. Histórias do tesouro: da Catedral de Lima ao Morro da Concha	26
2.2. Quem foi Charles Baffet?	29
2.3. O tesouro escondido no Morro da Concha?	30
2.4. Pistas sobre a localização do tesouro?	31
2.5. A caçada ao tesouro - como se deu tal aventura?	33
3. Monstro	39
Considerações finais	48
Os recordadores: você os conhece?	50
In Memoriam	51
O Morro da Concha e seus contos populares: um projeto de Educação Ambiental na UMEF Dr. Tuffy Nader	52
Agradecimentos	63
Sobre os Autores e Designer	64
Referências Bibliográficas	66
Fontes Iconográficas	67





pertencente a este território tão rico cultural e socioambientalmente. Essa ancestralidade vai se esgarçando diante de pressões hegemônicas, principalmente de cunho econômico, que a invisibilizam, por exemplo, não escutando os guardiães da história territorial. O esgarçamento das conexões existentes em um grupo social torna-o mais vulnerável, expondo-o a ameaças e riscos que podem levar ao esquecimento e ao desaparecimento dos modos de vida tradicionais de comunidades.

Assim, o registro desses dois contos populares aqui explorados integra a manutenção e a preservação do patrimônio cultural não apenas deste bairro, mas também do município de Vila Velha. Em grande medida, é uma forma de consolidar a sua identidade canela verde - como são conhecidos os nascidos nesse município. Afinal, ambas são histórias que aconteceram na Barra do Jucu graças às diversas dimensões socioambientais interdependentes que compõem o seu rico território: foz de rio, oceano, ilhas, pescadores, estrangeiros, moradores, galeão espanhol, pirataria, pilhagem colonial e contemporânea... Foi uma verdadeira aventura este mergulho nas raízes desse território da Barra através das memórias evocadas por seus cidadãos, o que, com certeza, favorece a resistência — ou a reexistência — da comunidade!

Finalmente, este número da Coleção está organizado em três partes. A primeira aborda a história e os saberes tradicionais envolvendo o **Morro da Concha**. A segunda explora o **Tesouro**, conduzindo o leitor em uma viagem que vai do Peru andino até a Barra do Jucu canela verde. Já a terceira e última parte narra a história do **Monstro!** Nessas três seções, contamos com a participação direta do **Prof. Merão**, nosso guia histórico e barrense!

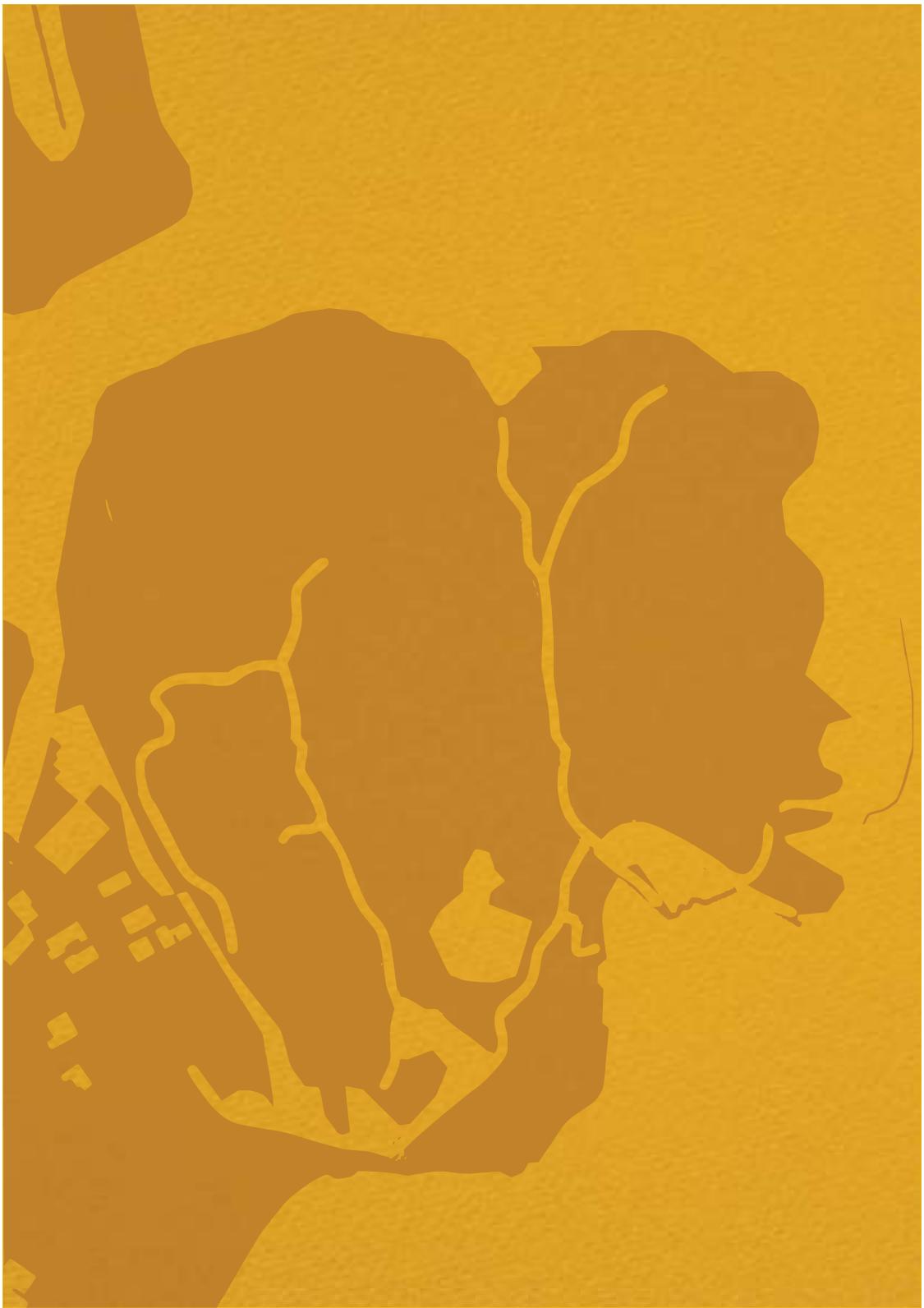
Vocês conhecem esse nosso guia? Não?

Então, o Prof. Merão é um destemido explorador de carteirinha e conhecedor dos detalhes da história tradicional da Barra do Jucu e da história oficial de Vila Velha. A história tradicional é considerada como sendo aquela história que emerge das experiências cotidianas daqueles que vivenciam o território da Barra. Muitas vezes, ela é invisibilizada ou desconsiderada pela história (oficial) dos livros didáticos, pelos acadêmicos de História, inclusive pelos meios de comunicação por diferentes razões, interesses e pressões externas. Em geral contraditórias ou mesmo antagônicas nas narrativas, ambas as Histórias podem dialogar, muitas vezes complementando-se.

O Prof. Merão acredita na perspectiva do diálogo entre ambas porque, com ele, há o enriquecimento da compreensão da realidade na sua complexidade, trazendo conflitos e consensos, visto que interesses existem e estão por trás de cada uma das visões da História. Esta perspectiva do diálogo facilita a construção da história ambiental, social, econômica de um território. Assim, a História de um território é tecida na sua integralidade com as suas interdependências, consensos e dissensos.

Convidamos você, então, a embarcar nesta aventura através da leitura sobre a história do Morro, do Tesouro e do Monstro!

Vamos nessa?



1. O MORRO DA CONCHA

1.1 História do Morro da Concha

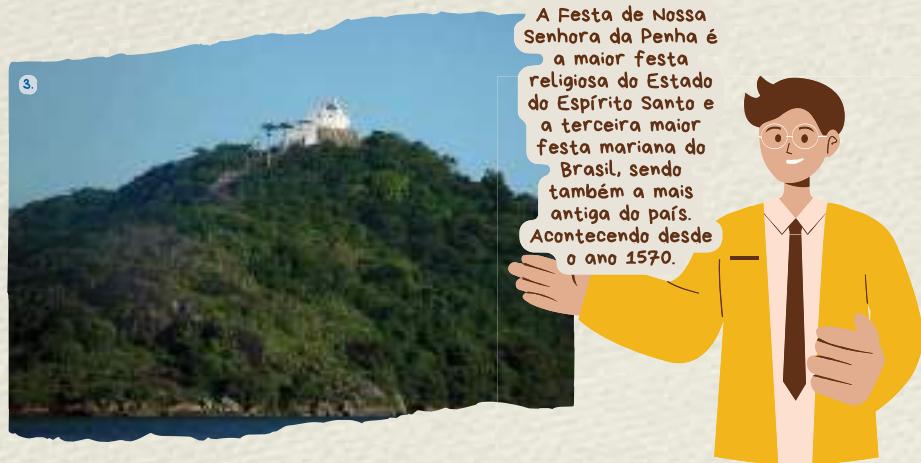
Formação rochosa de gnaisse coberta por uma típica vegetação de restinga, o Morro da Concha se localiza no bairro Barra do Jucu no litoral sul do município de Vila Velha, Espírito Santo. No passado, apresentava uma vigorosa vegetação de camarás e agaves, além de algumas roças de banana e milho. Havia ainda uma nascente de água que, entre as pedras de sua face sul, formava um pequeno regato ao pé do morro, o qual desaguava em uma pequena cascata. Hoje em dia, nesse mesmo local, encontram-se o parquinho e a academia popular da Praia do Barrão.

Antigamente, o rio Jucu abraçava o Morro da Concha pelos dois lados, transformando-o em uma ilha, elemento natural da paisagem da Barra do Jucu. Muito mais caudaloso do que hoje, ele tinha, segundo registros, uma foz dupla. Conta-se que a abundância de conchas nas praias ao seu redor teria inspirado seu nome: Morro da Concha. Além disso, sua morfologia lembra o formato de duas conchas de um **berbigão*** emborcados na areia da foz.

* Um berbigão é um molusco envolvido por duas conchas semelhantes. Outros dizem que ali eram depositadas pelo Rio Jucu muitas conchas fósseis, que o Rio escavava e rolava em seu leito até as praias.



No começo do século XVIII, a porção do Morro da Concha que mais avançava para o mar foi doada pelos pescadores da Barra do Jucu para o Convento da Penha. Diante de um longo período sem peixe nas redes, a promessa feita a Nossa Senhora da Penha foi atendida: as redes dos pescadores da Barra do Jucu voltaram a ter peixe! Tanto peixe que, duas vezes por semana, o sacristão do Convento vinha, acompanhado de alguns escravos, recolher o pescado para alimentar os religiosos franciscanos.



A Festa de Nossa Senhora da Penha é a maior festa religiosa do Estado do Espírito Santo e a terceira maior festa mariana do Brasil, sendo também a mais antiga do país. Acontecendo desde o ano 1570.

Em 1775, foi realizada a venda da metade do Morro da Concha pelo Outeiro e Convento da Nossa Senhora da Penha ao alferes Antônio Coutinho de Melo. Na escritura de venda, já havia referência às redes de espera - os trasmalhos* - colocadas a partir do morro por escravos do Convento. Na escritura, havia, ainda, a recomendação para que o morro, daquele dia em diante, tivesse acesso livre para os pescadores da Barra do Jucu.

* Trasmalhos diz respeito às redes de espera formadas por três panos de malha, o nome surgiu da expressão original "trés-malha" que com o tempo foi sendo adaptada pela fala popular até virar "trasmalho". Essas redes ficam armadas na água e capturam os peixes quando eles se enroscam entre as camadas de malha, sendo chamadas também de "rede feiticeira".



Nos séculos seguintes, expedições de europeus e colonizadores passaram a incluir **naturalistas** encarregados de registrar as características da região, produzindo, entre outros, desenhos precisos da fauna e flora local, pinturas retratando os modos de vida da população ou relatos escritos das viagens! Na atualidade, tais registros são uma fonte descritiva extremamente rica e detalhada sobre a paisagem estuarina da Barra de então.



Os **naturalistas** registravam as características das colônias para fins de interesses exploratórios dos colonizadores. Muitas espécies de fauna e flora locais são biologicamente classificadas, formando uma história natural destes territórios colonizados pelos europeus.

Alguns naturalistas que passaram por aqui: Auguste de Saint-Hilaire, Charles Frederick Hartt, Frederico Sellow, George Guilherme Freyreiss, Johann Jakob Von Tschudi e Príncipe Maximiliano Alexandre Philipp-Príncipe von Wied-Neuwied.

(referência: dissertação de Homero Bonadiman Galveas).

Hoje, o Morro da Concha forma uma espécie de península ao sul da foz do rio Jucu, tendo a Praia do Barrão - tradicionalmente conhecida como praia do Peitori - e suas ondas fortes, surfadas há muitos anos de peito, no famoso "jacaré". Dela parte uma estreita trilha pavimentada, com um corrimão de madeira ao longo de toda a extensão até chegar à Praia da Concha, um pequeno refúgio de águas mansas e beleza natural incrustado na formação rochosa. Apesar de atualmente se encontrar bastante depredada, a trilha sobe até o alto do Morro, de onde se avista todo o litoral norte e sul de Vila Velha, incluindo alguns pontos de outros municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória. Neste ponto elevado, existe uma rampa de voos de parapente que dão costumeiramente um colorido ao céu da Barra do Jucu.

5.



De acordo com a legislação federal, o Morro da Concha, desde 1965, se tornou uma área de preservação permanente (APP*).

* A proteção ambiental no Brasil não começou com a Constituição Federal de 1988. Antes dela já existia legislação específica, como o Código Florestal de 1965, que instituiu normas de proteção ambiental. Atualmente, o Código Florestal está em vigor na sua versão de 2012 (Lei nº 12.651/2012).



O conceito de Área de Preservação Permanente (APP) já estava presente no Código Florestal de 1965 e foi mantido na legislação atual. De acordo com o art. 3º, inciso II, da Lei nº 12.651/2012:

"Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas."

Em 1988, o deputado estadual Jorge Anders aprova a lei estadual 4.107/88 que declara o Morro da Concha como área de preservação permanente após grande pressão do movimento ambientalista local diante do risco de ser construído no morro um hotel de 5 estrelas pelos seus proprietários naquela época. Em 28 de junho de 1997, é sancionada, pelo governador Vitor Buaiz, a lei estadual 5.427/97 de autoria do deputado estadual Cláudio Vereza criando a Reserva Ecológica Estadual de Jacaranema, em uma área de 2.473.572.17 m². Mais tarde, esta reserva se tornará, por conta da criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, o Parque Natural Municipal de Jacaranema, cujos limites incluem toda a área do Morro.

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), instituído pela Lei nº 9.985/2000, um parque é classificado como Unidade de Proteção Integral, conforme estabelecido no Artigo 11. Essa categoria tem como objetivo a "preservação dos ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica". Assim, mesmo quando criado pelo município, como ocorre com o Parque Natural Municipal de Jacaranema, instituído em 2001, mantém as mesmas diretrizes de conservação previstas pelo SNUC.

(https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm
acesso em: 10 set. 2025)

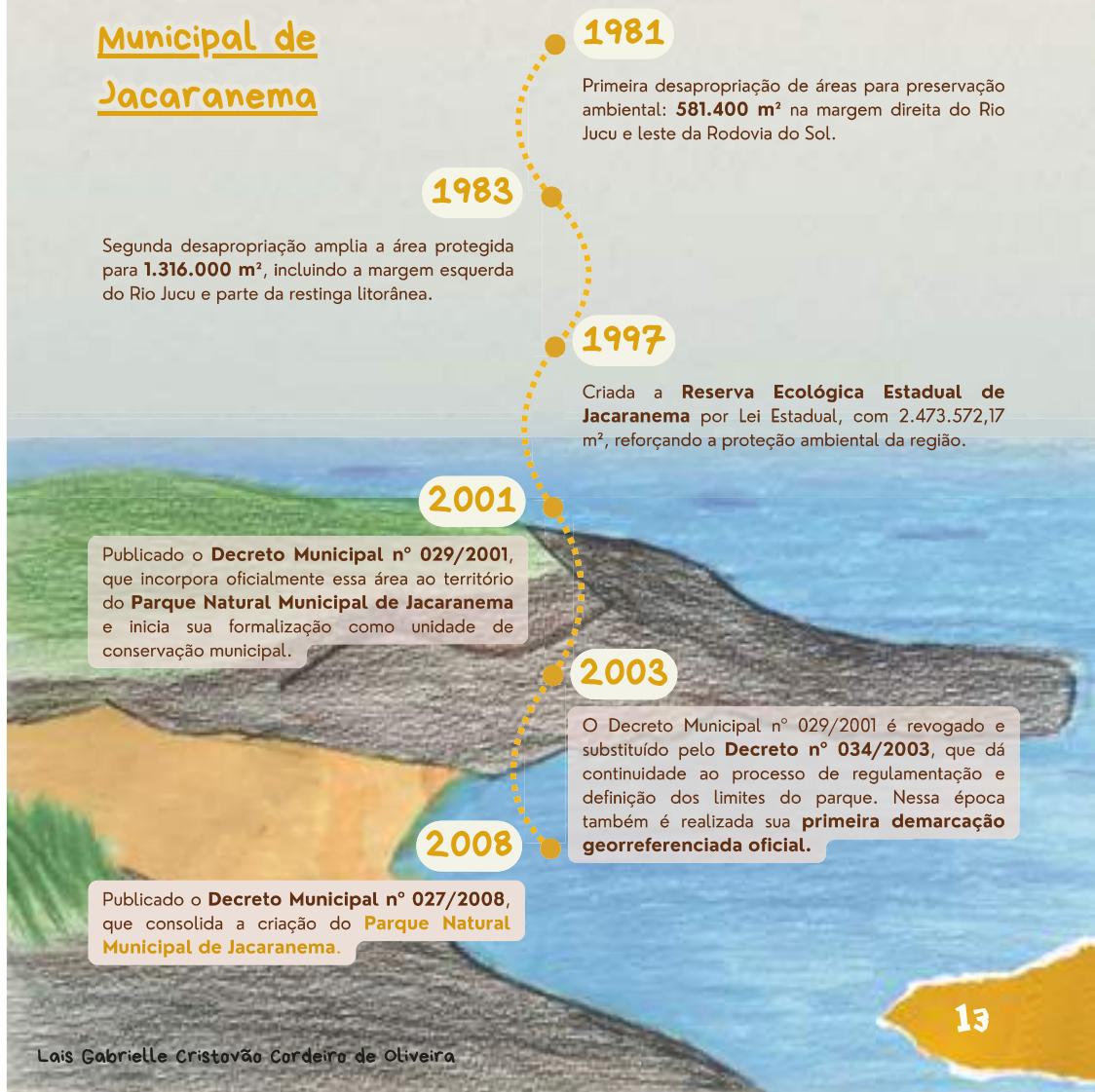


1.2. Parque Natural Municipal de Jacaranema

Entre 2001 e 2008, durante a gestão do prefeito Max Filho e do secretário municipal de Meio Ambiente Ricardo Vereza, foi publicado o Decreto Municipal 029/2001, posteriormente revogado pelo Decreto 34/2003, quando houve a primeira demarcação georreferenciada desta unidade de conservação municipal. O Decreto 27/2008 que criou o Parque Natural Municipal de Jacaranema. Os limites demarcam a área do Morro da Concha, se ampliam até a área de seu acesso situada às margens da

Rodovia do Sol, Itapuera da Barra e o Morro da Bicicleta, além de uma área que margeia o dique Garanhuns. Contudo, a delimitação dos limites do Parque é gradual, se dando passo à passo em função de uma nova ação preservacionista popular. Para tanto, desapropriações ocorreram desde 1981 possibilitando a ampliação da área do Parque até a criação, em 1997, da Reserva Ecológica Estadual de Jacaranema citada anteriormente; até que, em 2001, toda esta área passa a ser parte do Parque Natural Municipal de Jacaranema.

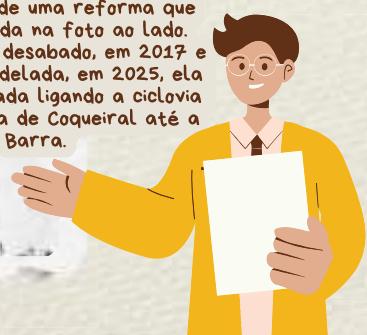
Processo de Criação do Parque Natural Municipal de Jacaranema





Hoje, o Parque Natural Municipal de Jacaranema tem uma área de 376,27 hectares composta pela sua restinga, a Praia da Barrinha, o Morro da Concha, a Praia do Barrão, o manguezal na foz do Rio Jucu, restinga de clúsias e mata ciliar às margens do rio Jucu. Ele abriga amostras significativas da fauna regional, englobando a vida animal do manguezal, as aves, os insetos, os répteis, os peixes, os mamíferos de médio porte, co habitantes deste ambiente. Vale ressaltar o lindo encontro da água doce do rio Jucu com a água salgada do Oceano Atlântico, formando um complexo estuarino rico de histórias populares, práticas e saberes locais além da sua biodiversidade! Em outras palavras, é um ambiente tão interessante que a histórica e famosa **Ponte da Madalena** possibilita, hoje, a apreciação de parte deste manguezal por quem a atravessa a pé ou de bicicleta.

Ninguém sabe ao certo quando foi construída a conhecida Ponte da Madalena. Em 1815, o príncipe austriaco Maximiliano passou por ela e afirmou que precisava de uma reforma pois estava em estado precário. Já em 1896, foi feita a inauguração de uma reforma que está ilustrada na foto ao lado. Depois de ter desabado, em 2017 e ter sido remodelada, em 2025, ela foi reinaugurada ligando a ciclovía vindo da praia de Coqueiral até a Barra.



Pessoal, pela descrição feita, fica claro que a criação deste Parque é, consequentemente, uma verdadeira conquista do movimento ambientalista da Barra. Foram anos de luta popular em favor da preservação deste ecossistema caracterizado pela diversidade de ambientes naturais: das dunas e praias, passando pela restinga e manguezal e a foz do rio! Enfim, o parque foi se consolidando como uma realidade da rica biodiversidade do bioma Mata Atlântica, sendo cada vez mais presente no município de Vila Velha e, por que não, no Espírito Santo.

O Morro é um patrimônio natural considerado pelos moradores deste bairro e pelo reconhecimento dele como unidade de conservação municipal. Sendo assim, qualquer intervenção feita proposta pelo poder público no seu interior e na sua zona de amortecimento deve respeitar a legislação federal (o SNUC) além do bom senso.

Depois da intervenção feita pela Prefeitura de Vila Velha, o parque voltou a ganhar destaque: em 2025, virou até tema do tradicional bloco carnavalesco da Barra Bloco da Comunidade. O projeto instalou um novo portal e uma ampla ciclovia que vai da entrada do parque até a Ponte da Madalena, totalmente revitalizada após anos fechada por falta de manutenção.



Em tempos de emergência climática, este patrimônio natural é fundamental no cumprimento do seu papel ecossistêmico, pois o seu conjunto geológico-botânico-faunístico funciona - desde que devidamente preservado por todos, inclusive e, principalmente, pelo poder público! - por sequestrar os gases de efeito estufa (GEE) como por ser uma bacia de contenção quando do transbordamento das águas do rio Jucu evitando ou diminuindo as inundações históricas em Vila Velha. Assim, o Jacaranema atua, naturalmente, como estratégia de mitigação de emissões de GEE e de desastres, devendo ser, evidentemente, parte de política pública integrada não somente para preservar a biodiversidade, mas associando-a intersetorialmente às urbanas, às educacionais, às de saúde, às de mudanças climáticas, às de redução de riscos de desastres.

1.3. Morro da Concha e alguns Saberes tradicionais locais

O Morro da Concha é o ponto de partida para várias manifestações culturais da Barra do Jucu. Mais do que isso, ele é um lugar que define diversas características nativas territoriais, inclusive, dando uma "cara", uma identidade ao município de Vila Velha. Assim, ele é considerado como um lugar de memória para os barreenses! Vários exemplos podem ilustrar o papel de destaque do Morro da Concha na formação da nossa identidade cultural e territorial.



É isso que veremos a seguir! Vamos nessa, pessoal?

Incrustada no Morro, há a pequena Praia da Concha, o local de onde os pescadores artesanais da Barra do Jucu partem para as suas pescarias. Tendo um mar mais calmo do que na praia do Peitoril ou do Barrão por ser abrigada entre as duas pedras em formato de berbigão, esta praia é ideal para que os pescadores guardem seus apetrechos de pesca dentro dos seus barracões*.

* Apesar de tradicionais, os barracões foram retirados da praia por ordem do Ministério Público Federal em 2008. Explicarei isso mais adiante.



Esta praia foi, desde muito tempo, o ponto ideal para montar os trasmalhos. Tradicionalmente, os trasmalhos eram armados e presos entre as pedras da praia e conectados a uma corda mestra que partia paralelamente a faixa de areia da praia do Barrão. A outra extremidade da corda mestra ficava presa a uma âncora de modo a fixar as redes de pesca usadas pelos pescadores. Como os trasmalhos presos a carreira mais próximos a pedra tinham mais chance de ter peixe na rede, havia um acordo de

revezamento: a que estava na frente esta semana, na próxima, fica por último de modo que cada dono de um trasmalho tinha a chance de pegar peixe. Nativamente denominado como carreira de redes, esta técnica de pesca era empregada pelos pescadores artesanais até 2012 quando foi interrompida por interferência do Ibama. Estas redes ficavam a espera do pescado como fonte de alimento para a população barrense.

Portanto, a localização da praia da Concha, uma estreita enseada incrustada no Morro da Concha, se torna fundamental para a atividade pesqueira tradicional e parte da identidade territorial da Barra do Jucu.

Ilustração de uma carreira de rede no Morro da Concha:
o ponto em vermelho marca a estaca de onde saia a
corda mestra (preta), na qual ficavam presas as
redes dos pescadores (azul), formando a
carreira de redes no mar da
Barra do Jucu.



No ponto mais alto do Morro, há um cruzeiro, considerado um marco pelos portugueses para sinalizar pontos estratégicos do litoral brasileiro além de ser um símbolo da presença da religião cristã católica no local.

A religião cristã católica foi a religião oficial do antigo Reino de Portugal durante toda a Idade Moderna (1450 - 1800).



Por ser um local com mar mais calmo, a praia da Concha abrigava os barracões dos pescadores locais, onde ficavam armazenados os seus materiais de pesca. Assim, ficava mais prático para eles colocarem todo o instrumental de pesca dentro de seus barcos, chamados de batelões*. Fundamentais para a atividade pesqueira, estes barracões são citados como sendo o principal lugar de memória para os pescadores.



* O batelão é uma canoa grande comportando até sete pescadores em uma mesma viagem. Ele era escavado de acordo com uma antiga tradição indígena local, em um único grande tronco de madeira nativa da mata ciliar do rio Jucu.

Apesar disso, no ano de 2008, os pescadores locais tiveram seus barracões retirados pela Gerência Regional do Patrimônio da União e pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Foi uma ação de modo a atender a Recomendação 33/2007 do Ministério Público Federal (MPF). A justificativa do MPF apontava para o prejuízo ao meio ambiente dos barracões visto que o Morro da Concha faz parte do Parque Natural Municipal de Jacaranema. Contudo, tais ocupações são essenciais à atividade de pesca tradicional; ou seja, apesar de serem consideradas "ambientalmente lesivas", a recomendação autorizava a reconstrução dos barracões pelo gestor público municipal de acordo com as normas ambientais em vigor na época, o que a Prefeitura ainda não cumpriu até hoje.



Barracões dos Pescadores na Praia da Concha, em 1982

Sem seus barracões, seus barcos e redes se expõem às intempéries e, pior, à depredação. Conclusão: sob risco de degradação de seus instrumentos de trabalho, os pescadores compreendem esta ação como um grande erro. Afinal, eles se consideram integrados ao ecossistema local há centenas de anos. Entende-se que novas regras deveriam ser conversadas, discutidas e acordadas entre o Estado e estes atores tradicionais. Esta negociação não ocorreu. Em outras palavras, a ameaça de depredação ou de degradação de seus materiais é um elemento do processo histórico de construção da vulnerabilidade, que se amplia com as

ações descoladas da realidade local. O caso da retirada dos barracões sem qualquer negociação revela uma invisibilidade da pesca artesanal. Ações descoladas do

território e invisibilização da tradição local fragilizam ainda mais um grupo social fundamental para a formação da identidade socioambiental e cultural do território da Barra do Jucu.

Outro papel crucial para a identidade territorial nos foi revelado por informações coincidentes prestadas por diferentes recordadores em diferentes ocasiões. Era tradição na Barra do Jucu de se avisar sobre a aproximação de cardumes. Isso era feito todos os dias por um pescador, denominado olheiro. O olheiro subia a um dado ponto do Morro da Concha de madrugada para observar o mar e identificar a aproximação de cardumes da costa. Se algum cardume se aproximava, o olheiro gritava e tocava uma buzina feita com a concha de búzio (um molusco marinho). No passado, este alarde ecoava por toda a comunidade, composta essencialmente de pescadores e suas famílias. Sem outros ruídos capazes de abafá-lo, o grito do olheiro era impregnado de mais emoção e vigor se o cardume fosse de xaréu, considerado de ótima qualidade e apreciado por todos. Os pescadores mais antigos, vivos na década de 1970 eram: [Selinho](#), [Hildebrando](#), [Agenor Laranja](#), [Alceste Laranja](#), [Amadeu](#), [Írio Leão](#), [Paulo Lira](#), [Lilico Valadares](#), entre outros.

O último olheiro era parente de [Daniel Vieira](#), mestre da banda de congo Mestre Honório e único artesão que faz os tambores na Barra do Jucu, sendo o anterior, avô dele, parente do antigo dono da fazenda de Aragatiba, o Sr. Sebastião Vieira Machado, até 1856. Os últimos olheiros foram o falecido [Inácio Vieira Machado](#) e, depois, o falecido [Giovani](#), pai e irmão de Dona Darcy Vieira.



Foz do Rio Jucu, do lado norte do Morro da Concha em dia de forte vazão nas chuvas de dezembro de 2013

A Barra sempre teve fartura pesqueira, que se deve a associação de várias características da geografia local. Entre outras condições, ressalta-se a presença da foz do rio, naturalmente, um lugar de procriação de várias espécies de animais alimentados com seu aporte de matéria orgânica carreada para ali. Situada em frente ao Morro da Concha e próxima a foz deste rio, a Ilha da Pescaria é a área de pesca privilegiada mais próxima da Barra do Jucu.



Ilha da Pescaria, Barra do Jucu (Vila Velha, ES) localizada logo à frente do Morro da Concha

Ainda exemplificando a importância histórica do Morro para a identidade territorial vale lembrar da crença local de que tanto peixe provinha da devocão à Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado de acordo com Novaes (1958). Em troca das promessas e pedidos atendidos, ou seja, em sinal de gratidão, parte do Morro da Concha foi doada para o Convento da Penha pelos pescadores lá no começo do século XVIII. Tanto que, até o final deste século, os sacristões e escravos vinham, duas vezes por semana, até a Barra buscar pescado para levar ao convento. Esta doação revela que a atividade pesqueira na Barra é bastante antiga e vem resistindo desde então.

O Morro da Concha não está sozinho na paisagem da Barra. Ele e o rio Jucu formam uma verdadeira “dupla” barrense! Juntos na paisagem, são dois sistemas com dinâmicas próprias, mas que interagem, sendo interdependentes. A riqueza de pescado na área do Morro e da foz do rio é uma evidência desta interdependência. Assim, cada um pode ser visto separadamente. No entanto, a configuração dos saberes tradicionais e da identidade territorial barrense só faz sentido se pensarmos que eles formam um sistema em si onde a interdependência se revela como princípio definidor deste território, a Barra do Jucu. Sendo assim, vale apresentar, brevemente, este personagem: o Rio Jucu!

Quando se fala da Barra, se pensa na sua foz. Entretanto, não se pode esquecer de toda a trajetória deste leito de rio, que é fundamental para a vida da Região Metropolitana da Grande Vitória. O Rio Jucu nasce nas proximidades da Pedra Azul, no distrito de Aracê, município de Domingos Martins, região serrana do Espírito Santo. Ele desce a serra do Mar, atravessando o município de Marechal Floriano e de Domingos Martins até chegar na baixada em Viana, em Cariacica e, finalmente, alcançando as terras de Vila Velha, até desaguar na localidade de Barra do Jucu. Formando a Bacia Hidrográfica do Rio Jucu com 2.014 km², são 167 km de extensão, da nascente até a foz, que abastece de água 65% da população de toda a região metropolitana. Na sua foz, se situa o imponente Morro da Concha.

Portanto, toda a rica diversidade ambiental, social e histórica relatada pelos colonizadores, mais tarde, pelos diferentes viajantes e, hoje, rememorada nas tradições localmente tecidas no tempo por seus moradores.

Vista aérea parcial do bairro Barra do Jucu, destacando os seguintes lugares de memória - material e paisagístico - do território:



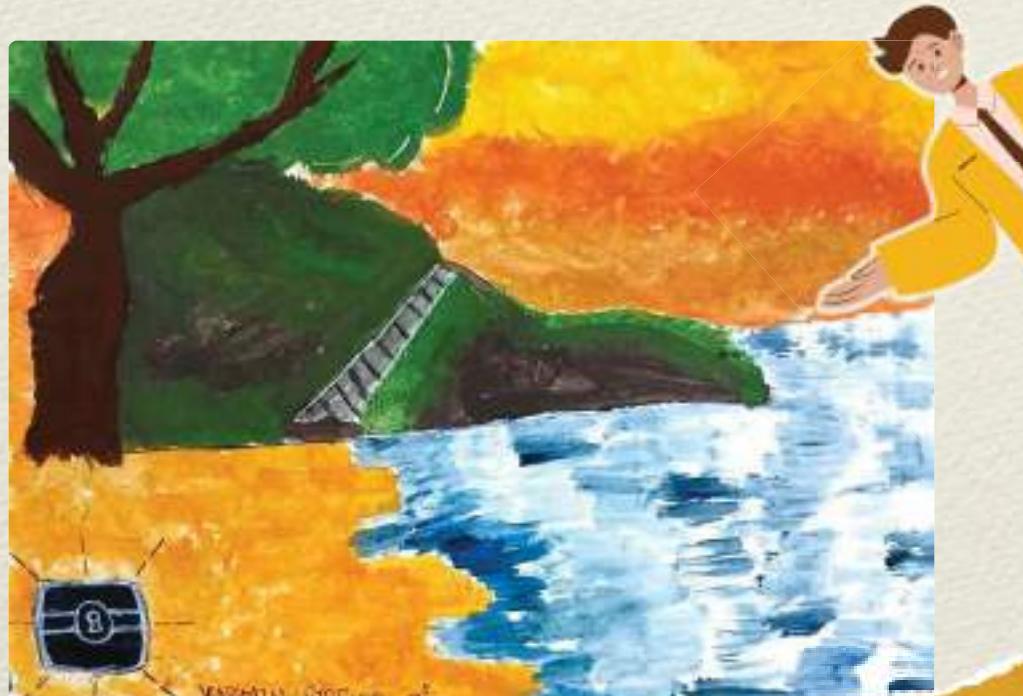
- 1 Morro da Concha
- 2 Praia do Barrão
- 3 Parque Natural Municipal de Jacarenema
- 4 Foz do Rio Jucu
- 5 Comunidade da Barra do Jucu
- 6 Planície de inundação do Rio Jucu
- 7 Praia da Concha

Enfim, o Morro da Concha se tornou, consequentemente, elemento definidor da identidade territorial, o que justifica assumir ser ele um lugar de memória e um patrimônio cultural material carregado de patrimônio imaterial - os saberes territoriais construídos pela experiência dos pescadores e suas famílias na Barra do Jucu. Isto significa dizer que a proteção deste patrimônio natural previsto em lei por ser ele parte de uma unidade de conservação integral, o Parque Municipal de Jacaranema é primordial. De forma que isso contribui para a preservação da identidade barrense.

Envolto em curiosos mistérios, atraindo os moradores e desafiando os tempos, é esse lugar de memória da Barra do Jucu que se situa no centro das histórias populares locais. Uma delas é a história do Tesouro escondido por piratas entre as suas rochas, datando da década de 1820. Desde então, muitos se aventuraram a procurá-lo sem sucesso, de modo que esta história tornou-se uma lenda e permanece viva no imaginário popular local. Outra curiosidade enraizada na memória coletiva barrense é a história do Monstro Marinho avistado por pescadores locais no seu litoral na década de 1980. Estes mistérios são os pontos-chave deste livro.

Quem irá nos introduzir a estas duas histórias populares nos guiando na leitura destas aventuras históricas é o **Prof. Merão!**

Todos prontos para embarcar nessas aventuras do tesouro e do monstro?





2.

O TESOURO

Como vimos, o Morro da Concha é parte da memória coletiva do território do bairro da Barra do Jucu, localizado na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo. Com a orientação do Prof. Merão, abordaremos nesta parte alguns elementos da curiosa história envolvendo o Morro da Concha: o seu tesouro!

Já imaginaram Vila Velha e a Barra do Jucu com um tesouro de piratas enterrado em seu solo?

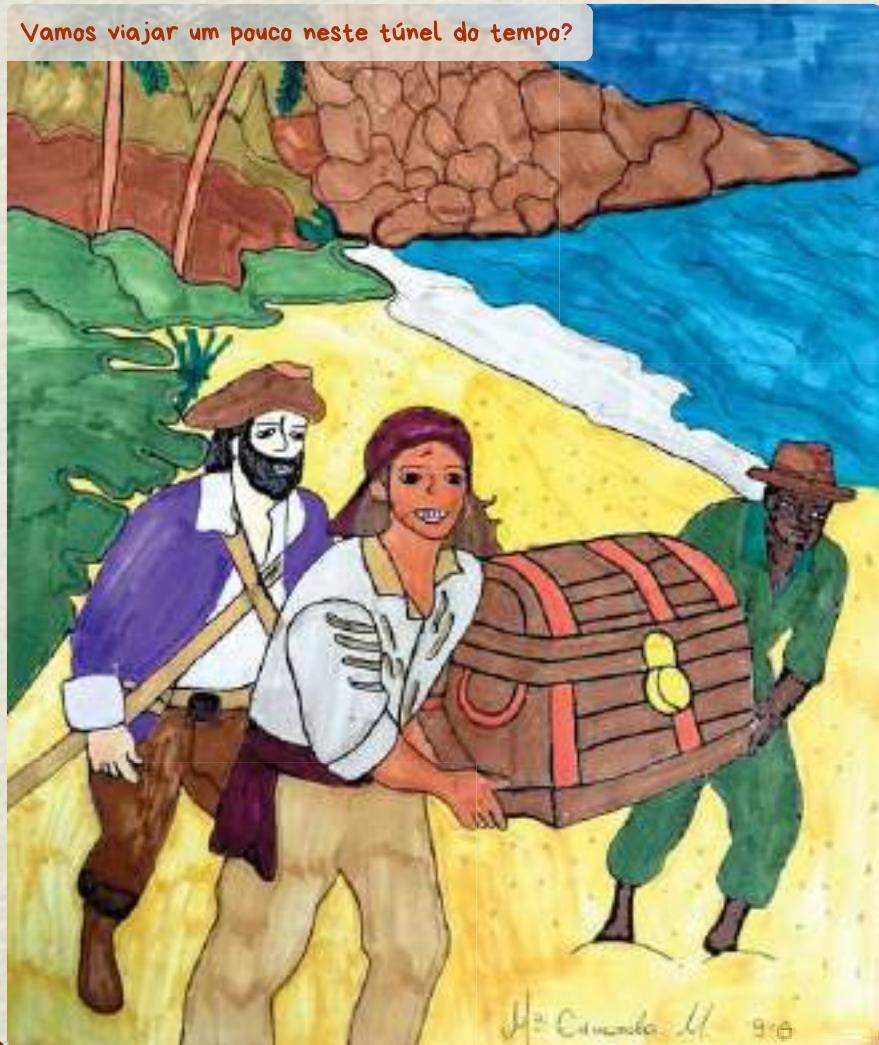
A história do tesouro é rica para ser explorada não só por se tratar de um te-sou-ro, mas, também, pelo retorno ao passado colonial do Brasil e da América Latina. Este retorno revela diversos elementos e personagens excepcionais para a imaginação de qualquer um de nós! De piratas do tempo da colonização a um possível aventureiro e sonhador moderno! De caravelas a avião contratado para descobri-lo! De viagens do extremo norte ao seu extremo sul do continente americano! E de ilhas espalhadas no oceano Atlântico até cidades na Índia!

Enfim, é uma história de descrições e registros, muitos orais, onde, quem sabe, se confundem o real e o imaginário! Vamos lá conhecer um pouco mais?

Iniciamos esta narrativa através de uma visita feita pelo **prof. Merão** ao Peru, país andino, que, do século XVI ao século XIX, foi a mais rica colônia espanhola. Visitando a Catedral de Lima, capital peruana, o relato de guias turísticos sobre um tesouro afirmava que um tesouro se perdeu no trajeto dali até o Reino de Espanha da época colonial. Lógico que isso saltou aos olhos e ouvidos de nosso explorador barrense. Afinal, desde sempre Prof. Merão escutou, na Barra, a história de um tesouro e de seu principal explorador: o francês Charles Baffet que aporta à Barra nos idos dos anos 1960.

Você vai conhecer melhor este personagem francês singular e os detalhes do tesouro do Morro, com a ajuda do nosso professor e historiador Prof. Merão, um residente nascido e criado na Barra!

Para fazer uma verdadeira viagem no túnel do tempo, nosso professor se inspira em várias fontes consultadas. Partindo da reportagem da jornalista Andréa Cury com o francês Charles Baffet, publicada no jornal A Gazeta, em 6 de agosto de 1989, a pedido do pintor e ambientalista barrense Kleber Galvães; ele vai até as entrevistas com antigos pescadores da Praia da Concha: Alcestes Laranja, Esmerino Laranja, Paulo Lira e Marcelo Farich além do próprio Kleber; passando pela sua visita a Catedral de Lima, no Peru, em 2013.



2.1. Histórias do tesouro: da Catedral de Lima ao Morro da Concha

Como foi visto acima, em visita a Catedral de Lima em 2013, o Prof. Merão ouviu a mesma explicação sobre o tesouro desta catedral de três guias de turismo diferentes, todos autorizados pelo governo peruano para exercer tal função. Isso deixou-o bastante intrigado. De um lado, essa era uma história bem consolidada no Peru pelos relatos feitos no local. De outro, esta história de um tesouro se conectava com a do Morro da Concha que ele conhecia desde pequeno. Assim, como você, caro Leitor, o Prof. Merão sabia que o Peru, tinha sido a mais rica colônia espanhola da América do Sul com a exploração de ouro e prata levada dali para o centro do mundo ocidental na época colonial: a Europa, mais especificamente, a Espanha.

Quando em 1821 o argentino José San Martín conquistou o porto de Pisco (Peru) ameaçando a capital peruana Lima, Fernando VII, então rei da Espanha, ordenou que a administração espanhola desta colônia recolhesse todo o ouro e a prata encontrada ali, armazenando tudo na maior igreja do lugar: a Catedral de Lima. Segundo o Prof. Merão, tudo isso encheu duas salas desta catedral até o teto, um espaço com mais de 15 m de altura por uns 30 metros de comprimento. Pouco antes de San Martín conquistar Lima, o tesouro foi embarcado em dois galeões espanhóis para ser enviado à Espanha, sendo que, para a Inglaterra, ia a maior parte do ouro peruano a fim de pagar a grande dívida externa da Espanha com este país.

Nesta época, os mares estavam infestados por piratas, ameaçando as caravelas com seus tesouros. Assim, para aumentar a chance delas chegarem à Europa, os espanhóis resolveram fazer com que cada um dos galeões navegassem por caminhos diferentes: uma caravela seguiu rumo ao norte chegando com sucesso a Espanha e a outra caravela rumou pela costa sul do Peru até passar pelo extremo sul do continente americano, o conhecido Estreito de Magalhães. Contornando a costa da Argentina e do atual Uruguai, este galeão chegou ao litoral brasileiro e foi atacado por um bando de piratas de várias nacionalidades, ingleses, russos, franceses, poloneses, na altura de Cabo Frio (Rio de Janeiro).

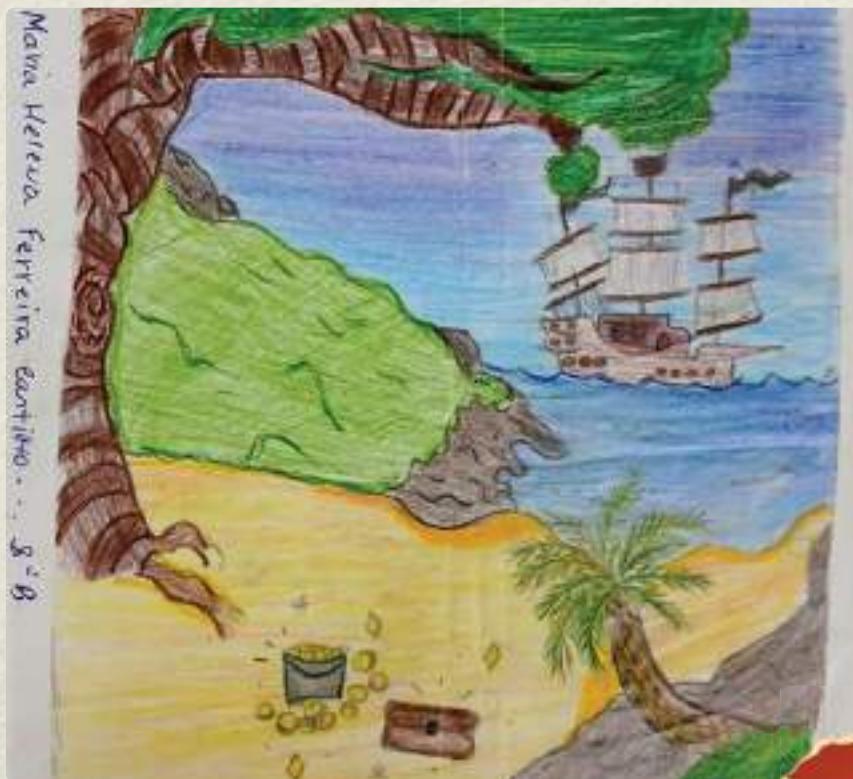


Sabendo que uma grande frota de navios de guerra da Espanha e da Inglaterra vinha escoltar o precioso carregamento, os piratas resolveram procurar um esconderijo para o tesouro em alguma parte do litoral brasileiro. Prof. Merão nos chama atenção de que é, neste momento, que o Morro da Concha e a Barra do Jucu entram na História deste tesouro e do mundo colonial!

Como assim entrar na História mundial?

Em 1830, estes piratas foram capturados nas Antilhas (arquipélago no Caribe) e levados para Havana (capital da ilha de Cuba), onde quase todos foram enforcados por pirataria. Exceto dois: um russo que escapou por ser médico e outro inglês que conseguiu fugir. Recapturado mais tarde, este último foi devolvido à Inglaterra e passou anos na prisão. Depois de solto, veio com um irmão para o Paraná, se casou, deixando antes de morrer, anotações sobre o esconderijo do tesouro no livro que batizou de "The Talbot".

Já o pirata russo, que usava um tapa olho bem à moda dos piratas, foi encontrado, em 1845. Sabem aonde? Em um hospital de Bombaim, na Índia, encontrado por um capitão inglês. **Guardem esta informação!** Antes de morrer, o pirata russo revelou a história do assalto e deu as dicas geográficas sobre onde estava escondido o tesouro. Diante disso, uma pergunta surge na nossa cabeça: **onde se encontraria este tesouro?**



Aqui no Brasil, esse tesouro era conhecido como Tesouro de Trindade. Trindade? Sim, pessoal! Adiante, iremos falar desta ilha parte do Arquipélago Trindade e Martim Vaz no oceano Atlântico que, depois de ser disputada por diferentes coroas europeias, integra, hoje, o Espírito Santo. Pela sua localização diante de interesses imperialistas e expansionistas dos ingleses, pertenceu à Inglaterra até 1890. Este arquipélago devia ser bastante cobiçado. O Prof. Merão afirma que, no período entre o fim do século XIX e início do século XX, cerca de 12 expedições buscaram o tesouro nesta ilha.

Como nenhuma destas expedições logrou êxito, ficou aberto o caminho para várias novas interpretações de mapas e das dicas geográficas deixadas por aqueles dois piratas sobreviventes: o russo e o inglês. Mais de 130 anos depois do ataque pirata à esquadra espanhola transportando o tesouro da Catedral de Lima, entra em cena o físico nuclear francês Charles Baffet.

Você deve estar se perguntando: como Charles entra em cena?

Na verdade, ele obteve as informações sobre o tesouro espanhol da Catedral de Lima quando estava na Índia como adido da embaixada francesa em Bombaim na década de 1950. Curioso, Charles pesquisou mais sobre esta história e ficou tão impressionado que comprou o mapa de um descendente daquele pirata russo. Sim, o saqueador do tesouro vindo do Peru em galeão espanhol! Estas informações ficaram gravadas na cabeça de Charles, em especial, as referentes a localização do possível esconderijo do tesouro. Desta localização, três referências geográficas eram importantes:

1. uma ilha chamada Trindade situada na costa do Brasil;
2. uma foz de rio escondida com três marcos* feitos com pedra branca;
3. duas ilhas de pedra em formato de colinas como uma crista de gal



* Pelos meus conhecimentos são marcas feitas em pedra na cor branca de uma passagem misteriosa. Essas descrições eram misteriosas para dificultar a procura do tesouro por intrusos. Até porque, se eu soubesse já teria descoberto o tesouro, haha!

Logicamente, Charles Baffet tinha de fazer muito mistério sobre tais dados, inclusive com relação ao mapa do tesouro. E nosso pintor e ambientalista barrense, então, amigo de Charles, Kleber Galvães, reforçou isso em entrevista de 2001:

"Eu tentei ver o mapa, mas o francês não mostrava".

Entretanto, você deve estar curioso para saber quem foi este francês. Vamos lá!

2.2. Quem foi Charles Baffet?

Realmente, ele é um personagem a descobrir!



Na década de 1960, Charles Baffet atuou como tradutor e intérprete de piratas modernos no Suriname. Eles contrabandeavam outros "tesouros": café, diamantes e terras raras* do Brasil para a China.

* Acreditava-se que estas "terras raras" (urânio, plutônio) eram contrabandeadas para a China daquela época em sacas de café juntamente com diamantes já que os chineses estavam interessados em desenvolver armas atômicas.



O Prof. Merão nos lembra que, ainda bastante curioso sobre o tesouro espanhol, ele chega ao Brasil, onde encontra mais referências ao tesouro em livros, jornais, documentos e mapas reunidos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Portanto, a partir das dicas obtidas na Índia, ele começou a coletar uma boa quantidade de material publicado sobre este tesouro, formando um verdadeiro dossier sobre o assunto com muitos mapas e estudos de latitudes e longitudes.

Certamente, todo este dossiê era a parte mais interessante da sua bagagem quando se mudou para Vila Velha, em 1964, para assumir a direção da Companhia de Navegação Delta Line, em Vitória. Neste momento, ele iniciou a sua procura pelo tesouro na Barra do Jucu. Associando as dicas obtidas por caminhos diferentes, ele conclui que o tesouro se encontrava escondido na Barra do Jucu, provavelmente, no Morro da Concha ou em suas imediações. Em primeiro lugar, comprou dos herdeiros da família Meneghetti ou adquiriu os direitos sobre ele de modo a poder explorar o Morro da Concha.

Para ter comprado o Morro, vocês não acham que ele realmente acreditava ser no Morro o esconderijo do tesouro espanhol?

2.3. O tesouro escondido no Morro da Concha?

Aqui no Brasil esse tesouro era conhecido como Tesouro de Trindade, pois o mapa fazia referência à pequena ilha oceânica de Trindade pertencente ao município de Vitória, capital do Espírito Santo. Ela faz parte do arquipélago formado também pela ilha de Martins Vaz e situado mar adentro, a aproximadamente 1.200 milhas náuticas do continente, partindo do Morro da Concha. Até hoje é um lugar ermo, contando apenas com um posto oceanográfico, base permanente da Marinha Brasileira, tendo somente a visita de pesquisadores e cientistas, principalmente biólogos e oceanógrafos, autorizados a pesquisarem no local.

A ilha de Trindade pertenceu à coroa inglesa por muito tempo. Somente no final da década de 1890, passou a ser a única ilha oceânica do Atlântico Sul a não pertencer à Inglaterra, pois foi anexada ao Brasil nessa época, por gestões de Portugal e das maçonarias, brasileira, portuguesa e inglesa. Aquelas 12 expedições mencionadas pelo Prof. Merão acima foram organizadas por aventureiros ingleses e brasileiros visando encontrar o tesouro em Trindade. Como vocês já sabem, nenhuma delas conseguiu descobrir o tesouro, o que levantou várias novas especulações a partir dos mapas e das dicas geográficas deixadas pelos dois piratas o russo e o inglês que sobreviveram ao saque do galeão espanhol.

Charles Baffet é um dos especuladores sobre a localização do tesouro. Associando e interpretando as dicas obtidas por caminhos diferentes, ele chegou à conclusão que o tesouro se encontrava escondido no Morro da Concha ou em suas imediações, na Barra do Jucu. Por isso, adquiriu o Morro da Concha, logo após chegar aqui, em 1964, e começou suas pesquisas de campo, que duraram 22 anos, até 1986.

No entanto, você se pergunta a razão que o leva a pensar no Morro da Concha!

2.4. Pistas Sobre a localização do tesouro?

Charles Baffet guardou de cabeça as principais dicas deixadas pelos piratas sobre a localização do esconderijo do tesouro. O pirata russo falou do esconderijo apontando as referências geográficas.

Vejamos, Pessoal, as dicas geográficas vistas anteriormente:

- Uma ilha chamada Trindade situada na costa brasileira - ok, Prof. Merão nos mostrou acima algumas informações deste arquipélago;
- Os três marcos de pedra branca, com uma barra de rio difícil de encontrar ou quase inacessível e
- Duas ilhas de pedra e uma colina superior, terminada em crista-de-galo.

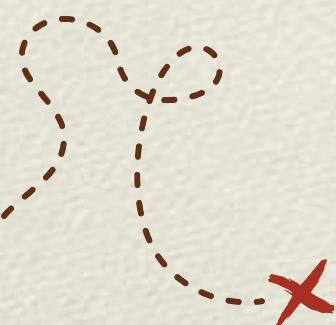
Hummm... barra de rio meio escondida... Crista de galo ???

Segundo as pesquisas do Prof. Merão, o Morro da Concha era uma ilha até mais da metade do século XIX.

O morro foi uma ilha??? Como assim???

Muito mais caudaloso do que hoje, o Rio Jucu, antigamente, tinha uma desembocadura dupla: saía para o mar pelos dois lados do Morro, fazendo dele uma ilha. Essa era uma das dicas geográficas deixada pelo pirata! Ou seja, teria sido uma ilha no litoral do Brasil. Além disso, a Ilha da Trindade fica em latitude parecida com a da Barra do Jucu.

Em entrevista ao jornal A Gazeta, Charles compartilhou as referências obtidas nos registros do pirata inglês:



Indo do sul para o norte, o navegante avista ao lado do Pão de Açúcar uma depressão brusca na cordilheira de serras, onde têm um ressalto de pedra. Entre esse ressalto e duas outras grandes pedras há um canal difícil de ser procurado; perto da cascata, na face sul da colina (a 5,3 graus do Pão de Açúcar) existe uma cavidade fechada e outras três cavidades fechadas. E a última pista eram quatro grandes quartos no solo duro.

(entrevista de Charles Baffet ao jornal a Gazeta em 06/08/1989)

Bastante misteriosas, as referências ao tesouro escondido pelos piratas na costa do Espírito Santo aguçaram a curiosidade deste francês que, como vimos acima, passou muitos anos na tentativa de encontrá-lo.

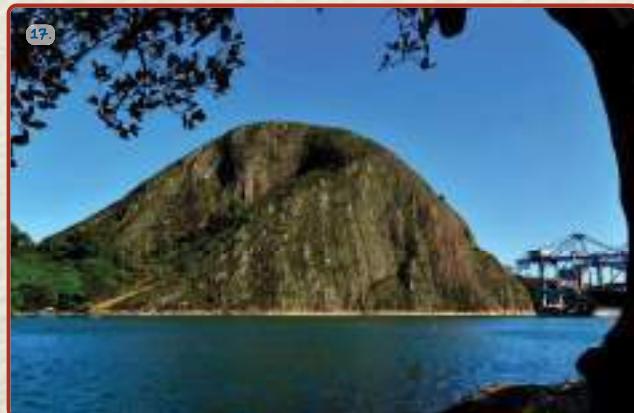
O Prof. Merão nos lembra que a paisagem do Morro da Concha e entorno no passado era diferente do que temos hoje. Além de ter sido uma ilha, quando era mais arborizado, o morro tinha, no seu lado sul, uma nascente, que descia, formando uma pequena cascata entre as pedras indo parar no mar.

Não podemos esquecer das descrições e dos registros dos naturalistas europeus do século XIX que atestam uma outra paisagem na Barra. Esta transformação paisagística é algo importante de considerar para, hoje, entendermos um pouco melhor a conclusão a que chega o nosso personagem francês.

Chegando no Espírito Santo, Charles Baffet continuou cruzando às informações dos piratas com as características da paisagem local tal como um verdadeiro pesquisador. Ele teve evidências de que a Barra do Jucu tem uma barra difícil de ser encontrada e penetrada - a barra, a foz do rio Jucu. Ademais, ele soube que perto desta foz existe uma pequena ilha, situada não longe do continente, em frente ao Morro. Como o prof. Merão falou que o Morro da Concha tinha sido, até o século XIX, uma ilha.

In loco, o senhor Baffet percebeu que a paisagem em crista-de-galo da descrição deixada pelos piratas bem que poderia ser o contorno das serras em torno do monte Mestre Álvaro, no atual município da Serra, que era o primeiro ponto a ser avistado do mar para quem vinha para nossa região. E mais, ele interpretou que o Pão de Açúcar não tinha nada a ver com o morro existente na barra da baía de Guanabara na cidade do Rio de Janeiro - o que não faria sentido dentro da hipótese que ele estava montando como um quebra cabeças.

Conhecendo um pouco mais as cercanias de Vila Velha e de Vitória, ele pensou pelo menos dois pontos que provavelmente pesaram na elaboração da tese dele. Primeiro, o pão de açúcar das dicas bem que poderia ser o Morro do Penedo, localizado perto do atual Porto de Capuaba, em Vila Velha. Afinal, um pão de açúcar é a denominação dada a qualquer grande pedra exposta, sem cobertura de solo e com pouca vegetação, lembrando o ponto turístico carioca, o Pão de Açúcar.



Morro do Penedo

Segundo, ele descobriu o morro Frei Leopardo, conhecido como a Pedra dos Dois Olhos. Este morro está situado dentro da Ilha de Vitória e possuía várias grutas, pequenas cavidades na sua estrutura que, de longe, se assemelha a dois olhos. Entre o Frei Leopardo e a Barra do Jucu, ele viu que existem outras formações rochosas significativas: o morro do Convento e o morro do Moreno entre outras elevações, tipificando o limite norte do município de Vila Velha.

No entanto, depois de muitas andanças e muita investigação pela região, ele teve a certeza de que o butim fora enterrado no Morro da Concha ou em suas imediações. Ele iniciou, por conseguinte, suas pesquisas sobre o local mais exato onde estaria escondido o tesouro.

2.5 A Caçada ao Tesouro – como Se deu tal aventura?

Conhecedor desta aventura, o Prof. Merão chama a nossa atenção para o fato de que ele deve ter gasto uma boa soma em dinheiro nesta busca, adquirindo equipamentos modernos para identificar pedras, calcular a profundidade da terra, detectar metais, escavar o solo. Tudo o que era necessário para estudar as características locais do Morro: a topografia, os movimentos naturais do solo, o tipo de vegetação, os ventos, as marés. Tudo necessário para ele produzir o que, para ele, seriam as evidências de que a riqueza poderia mesmo ter sido enterrada ali.

Como estamos falando de um tesouro no Morro, agora, de sua propriedade, ele tinha de se preocupar em guardá-lo muito bem guardado! Assim, para tomar conta de sua propriedade, ele precisava de alguém da sua confiança para proteger o lugar. Ele trouxe, então, Dona Corina Leite Ribeiro para morar ali na única casa existente no topo do morro como caseira de confiança do Charles.

Vejam só a audácia de Charles para alcançar seu objetivo!

Um belo dia, ele contratou um avião para fazer fotos aéreas com filme infravermelho. Sendo ele físico nuclear de formação, alguns pontos quentes chamaram muito a sua atenção (seriam eles radioativos?). Tais pontos encontravam-se numa depressão entre as duas pedras da formação do Morro da Concha. Segundo o Prof. Merão, eles ficariam, provavelmente, no fundo da praia da Concha, justamente próximos de onde os barracões dos pescadores, citados anteriormente, existiam antes de serem retirados.

Lembram deste evento da retirada dos barracões na praia da Concha?

Charles acreditava tão fortemente ser ali que ele começou a cavar no local. Para o Prof. Merão, isso foi uma verdadeira grande aventura. Afinal, ele teria de ultrapassar um grande desafio: fazer um trator subir a elevação do morro para chegar neste local identificado.

Para realizar esta façanha, ele construiu, com a ajuda de vários amigos, uma rampa com a areia da praia, na face sul do morro, onde fica a Praia do Barrão, pois não havia estrada. O trator conseguiu subir por ali no limite da sua inclinação, chegando ao seu objetivo: o local exato para escavar um grande buraco de, aproximadamente, 50 metros de comprimento, 4 de profundidade e 20 metros de largura. Este buraco ainda pode ser visto no local mesmo que cercado pela vegetação de hoje.



Imagen aérea do Morro da Concha, com destaque no centro do quadrado vermelho para a escavação realizada pelo francês Charles Baffet, em busca do suposto tesouro do Morro da Concha

Você deve estar se perguntando se o nosso tesouro viu a luz do dia

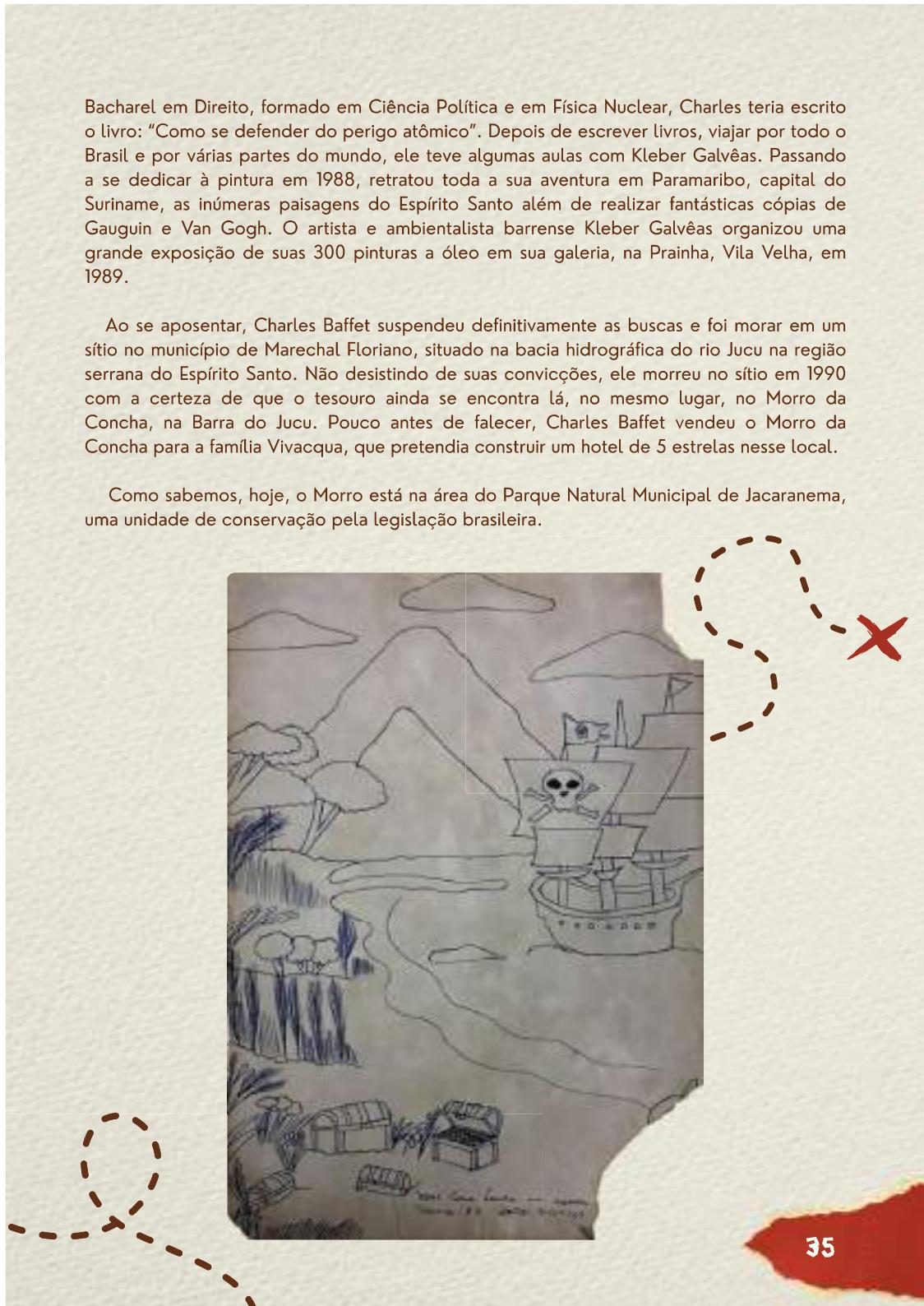
Só foram encontrados cachimbos, fragmentos de louças, poucas moedas de cobre, talheres de prata e até um cachimbo em barro formando a figura da cabeça de um marinheiro - ou seria o pirata inglês? Acreditando sempre na localização exata do tesouro, em outros momentos, Charles cavou manualmente, sozinho ou com ajudantes. De modo que sua esposa dizia que ele teria vivido como um tatu, cavando. Ele inventava mil e uma estratégias para cavar buracos no Morro a fim de encontrar o butim dos piratas do século XIX.

Tudo, infelizmente, sem êxito, não é Prof. Merão?

De toda a experiência reunida nesses 22 anos de procura, ele chegou à conclusão de que a caça ao tesouro exige mais tempo e dinheiro do que poderia dispor. Para ele, o tesouro da Barra do Jucu foi mais um capítulo em sua vida cheia de aventuras, de muito exercício físico e, como ele disse a jornalista de A Gazeta que o entrevistou: "manter uma aranha no teto". O que isso significa, prof. Merão?

Esta expressão quer dizer ter sempre uma preocupação a resolver e uma atividade prazerosa a realizar.

Prof. Merão nos lembra ainda de algumas curiosidades sobre este aventureiro. Ele foi casado com uma nobre belga chamada Madalena, prima de Lily de Carvalho Marinho, casada com Roberto Marinho - sim, membro e patriarca da família Marinho, fundadora do conglomerado de empresas do Grupo Globo.



Bacharel em Direito, formado em Ciéncia Política e em Física Nuclear, Charles teria escrito o livro: "Como se defender do perigo atômico". Depois de escrever livros, viajar por todo o Brasil e por várias partes do mundo, ele teve algumas aulas com Kleber Galvéas. Passando a se dedicar à pintura em 1988, retratou toda a sua aventura em Paramaribo, capital do Suriname, as inúmeras paisagens do Espírito Santo além de realizar fantásticas cópias de Gauguin e Van Gogh. O artista e ambientalista barrense Kleber Galvéas organizou uma grande exposição de suas 300 pinturas a óleo em sua galeria, na Prainha, Vila Velha, em 1989.

Ao se aposentar, Charles Baffet suspendeu definitivamente as buscas e foi morar em um sítio no município de Marechal Floriano, situado na bacia hidrográfica do rio Jucu na região serrana do Espírito Santo. Não desistindo de suas convicções, ele morreu no sítio em 1990 com a certeza de que o tesouro ainda se encontra lá, no mesmo lugar, no Morro da Concha, na Barra do Jucu. Pouco antes de falecer, Charles Baffet vendeu o Morro da Concha para a família Vivacqua, que pretendia construir um hotel de 5 estrelas nesse local.

Como sabemos, hoje, o Morro está na área do Parque Natural Municipal de Jacaranema, uma unidade de conservação pela legislação brasileira.

BARRA SEA MONSTER



Gustavo S. Civer
90P

3.

O MONSTRO

O Prof. Merão nos lembra que a narrativa abaixo sobre o monstro marinho está inspirada nas evocações de recordadores em rodas de conversa, entrevistas, conversas informais realizadas nos anos de 2017 e 2024; e em entrevista concedida pelos pescadores Esmerino Laranja e João Valadares (o João Rã Rã) e veiculada na edição do jornal A Gazeta de 02/08/1984. Antes de tudo, o Prof. Merão nos traz duas informações importantes para termos em mente ao ler esta narrativa.

Primeiramente, ele acrescenta algo, talvez, desconhecido para muita gente: apesar da maioria dos pescadores não saber nadar bem, eles não levam quase nunca coletes salva vidas em suas embarcações na trajetória até um pesqueiro. Um pesqueiro é o lugar em alto mar onde os peixes são encontrados pelos pescadores com regularidade, o viveiro onde eles encontram seus alimentos, na maioria das vezes em fundos de pedras, corais ou lama. Em segundo lugar, pode ser que tenha surgido na sua cabeça uma pergunta, caro Leitor(a): como os pescadores chegam até os seus pesqueiros? É através de uma técnica tradicional chamada paralaxe.

Paralaxe??? O que é isso?

Prof. Merão explica para a gente sobre o que vem a ser a paralaxe. A paralaxe é uma técnica de navegação e de localização de pesqueiros que funciona pela triangulação entre dois pontos geográficos situados no continente de modo a se chegar exatamente ao pesqueiro desejado. Alguns pontos de referência geográfica utilizados na Barra até hoje são o Morro Araçatiba, o Morro do Convento, o Morro do Moreno, o Mestre Álvaro, o Moxuara, entre outros. Como vocês percebem, são todos morros proeminentes na paisagem da Região Metropolitana da Grande Vitória, onde se situa o município de Vila Velha.

Você deve conhecer alguns destes morros! Contudo, você deve estar se perguntando como se faz no caso da pesca noturna?

Diferentemente da pesca diurna, a pesca noturna emprega outras marcações, como as estrelas e outros astros celestes, para auxiliar a navegação desses pescadores. Os capitães dos dois galeões espanhóis transportando o tesouro não encontrado por Charles Baffet empregavam esta técnica se baseando nos céus e nos seus astros para navegarem entre as colônias do continente americano, como o Peru e o Brasil, e a Espanha. Por conseguinte, não é exagero dizer que a paralaxe é um saber tradicional perpetuado pela oralidade e pelo vivido dos navegadores em alto mar que ainda hoje é empregado na atividade pesqueira tradicional em geral tal como é na Barra do Jucu. Já a pesca dos grandes barcos é uma pesca industrial, altamente comercial, que emprega outra tecnologia, os sonares para a localização dos cardumes em alto mar.

Vamos ver agora se a história do monstro é ou não uma história de pescador?



Tudo se inicia na madrugada do dia 19 de julho de 1984. Os dois experientes pescadores da Barra entrevistados - o Sr. Esmerino, hoje com 87 anos, e o Sr. João Rã Rã, hoje com 75 anos - junto com o mestre Cid, o Jorge Valadares, o Diógenes e o Antônio Valadares, todos pescadores da Barra do Jucu, saíram do terminal pesqueiro da Prainha de Vila Velha a bordo do barco pesqueiro de Oziel Jr., embarcação de oito metros e meio de comprimento. Eles chegaram ao pesqueiro neste mesmo dia.

No dia 21 do mesmo mês, aproximadamente às 7:30 da manhã, no pesqueiro a cerca de 50 milhas da costa, situado quase em linha reta ao porto de Tubarão, eles observaram uma movimentação diferente na água. De repente não mais que de repente, emerge, bem a frente da canoa, um gigantesco animal aquático que nenhum dos pescadores jamais tinha visto antes. Uma hora e meia depois, quando os pescadores retornavam ao porto de saída, mais próximo a entrada da barra do canal de Vitória, o animal foi avistado uma segunda vez por eles. Isso os amedrontou mais ainda. Segundo o Prof. Merão, outros pescadores ainda o avistaram uma terceira vez perto do porto de Tubarão.

Segundo informou João Rã Rã à reportagem de A Gazeta, o começo da História foi assim:



Notamos perto do barco duas toninhas(espécie de boto), com três metros de comprimento. Dois minutos depois, vimos a mais ou menos dez metros de nós uma enorme cauda movimentando-se. Logo depois, ele emergiu e vimos então uma enorme cabeça, semelhante à de um cavalo, cheia de caroços. Tinha um pescoço muito grande e a gente viu também parte do lombo. A cauda era agitada de um lado para o outro a todo instante. E ficou perto por uns 30 minutos, quando submergiu e nós resolvemos voltar imediatamente para terra.

(reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com João Valadares)

João afirmou que o animal apareceu uma segunda vez:

Nesta segunda vez, ele ficou pouco tempo e a gente já estava perto da entrada da Barra. Pudemos ver ainda, novamente, os caroços por todo o corpo. Não notamos se tinha olhos e boca. Sua cor era marrom e chegamos a ouvir o barulho da sua respiração que era forte e ofegante. Logo depois ele sumiu de vez.

(reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com João Valadares)

Já Esmerino Laranja falou que o animal não se mostrou agressivo para com o barco nem com a tripulação:

Acredito que foi por causa das duas toninhas. Na primeira vez ele saiu atrás das duas, afastando-se do nosso barco quando então a gente voltou. Na segunda vez ele chegou perto, mas a sua atenção deve ter sido desviada por algum outro peixe e ele foi novamente embora. O nosso medo era por causa da sua cauda, que jogava a todo instante e que uma hora podia atingir a gente. Mesmo assim, fez nosso barco balançar muito, pois cada movimento deslocava água como se fosse um grande navio fazendo manobras.

(reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com Esmerino Laranja)

O tamanho da criatura surpreende, pois media cerca de 30 metros de comprimento. Em seu relato, eles não deixam dúvidas de que esta criatura era o mesmo monstro que havia aparecido no litoral do Rio de Janeiro meses antes.

Pessoal, coloquem-se no lugar dos pescadores nesta situação vivida por eles: uma frágil canoa navegando em direção do alto mar bem cedo pela manhã. De repente, algo enorme saindo das profundezas do oceano emerge. Seria no mínimo um pouco assustador, não acham?

A reação deles foi de imobilidade. Eles ficaram pa-ra-li-sa-dos; por alguns momentos, estupefatos de tanto medo. Quando o animal voltou novamente para as profundezas do oceano, eles também retornaram; só que direcionando o barco para alcançarem à terra firme, imediatamente. Eles navegaram o mais rapidamente que puderam para conseguirem chegar a terra em segurança. Entretanto, para aflição de todos, eles avistaram-no por uma segunda vez no caminho de volta. Diante da surpresa inesperada, pensaram que estavam sendo perseguidos.

Esmerino relata a sensação de medo por que passaram nas duas aparições do monstro:

A gente temia que ele viesse por baixo do barco. Se isso acontecesse certamente a gente não estaria mais aqui. Nós só conseguimos ver uma parte da coisa, a cabeça, o pescoço, parte do lombo e da cauda, mas ela deveria ser bem maior, pois no ponto em que nós estávamos a profundidade é de aproximadamente 100 metros. Nunca em meus 32 anos de pescaria vi coisa igual.

(reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com Esmerino Laranja)

O medo era tão grande de voltar até aquele pesqueiro que João Rã Rã confessou: "Sinceramente, não sei se volto mais naquele lugar. Pelo tamanho, eu acho que ele tem até condições de virar um navio quanto mais um barco como o nosso. Vou ficar pescando por aqui mesmo. Naquele lugar eu não volto".

Segundo Prof. Merão, só faltaram correr sobre as águas do mar!

Na segurança da terra firme e mais tranquilos, eles começaram a espalhar para os outros pescadores que estavam na Praia da Concha o que havia acontecido naquela manhã:

"Nós vimos um animal gigantesco no mar, que nunca tínhamos visto antes na vida. Era um monstro marinho com certeza. Não era um tubarão, nem uma raia jamanta e nem uma baleia como as que estamos acostumados a ver aqui."

(Esmerino entrevista de 2017)

Prof. Merão afirma que a espécie mais comum de baleia nestas latitudes do Atlântico é a espécie Jubarte. Como é comum de serem avistadas em certas épocas do ano, as Jubartes eram conhecidas dos pescadores e moradores do litoral de Vila Velha. Sendo assim, nossos dois pescadores conheciam o perfil de uma Jubarte. João comenta ainda que "Baleia eu já cansei de ver. Aquilo era mesmo um monstro. Foi a maior coisa que eu já vi no mar. Antes eu só tinha visto e capturado uma tartaruga com 600 quilos" (reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com João Valadares). Diante da experiência de ambos, eles não iriam se enganar com certeza.



Este fato só veio a público, quando no dia 01/08/1984, nossos pescadores, Esmerino e João Rã Rã, resolveram dar uma entrevista para jornalistas. Os dois se sentiram seguros para contar essa história em seu habitat natural, o Morro da Concha, na Praia da Concha. Eles afirmam não terem divulgado antes, pois, segundo João, "Temiam passar por mentirosos, por contarem a história e não terem provas concretas para confirmá-la". A reportagem saiu em A Gazeta no dia seguinte, 02/08/1984.



Logo, essa notícia se espalhou por toda a comunidade. Daí, foi fácil alcançar o nosso Estado como um todo, contou o Prof. Merão. De tal forma que, admirem-se, em alguns dias a TV Gazeta veio entrevistar nossos dois pescadores sobre essa história de "Monstro Marinho". De acordo com o Prof. Merão, notando a empolgação dos pescadores e advertidos pela repórter para evitar o emprego de vocabulário chulo, eles começaram a narrar o encontro com a criatura desconhecida:

"O bicho era gigante, era uma desgraça desse tamanho, tinha uma cabeça quadrada parecendo um cavalo."

(João Rã Rã, roda de conversa em 2017)



Ao serem questionados pela repórter a razão pela qual não estavam fazendo muita questão de contar aquela história, João Valadares disse:

A maioria das pessoas vai pensar que é "estória de pescador" ou mais alguma mentira. Sinceramente, eu não gosto de falar nesse caso. Afinal, não temos nenhuma prova, a não ser as palavras das seis pessoas que estavam na embarcação. Se a gente tivesse uma máquina fotográfica as pessoas acreditariam, mas como somos apenas pescadores vão achar que é mentira. Se as pessoas vão acreditar, não me interessa. O certo é que nós vimos e isso nunca mais vai sair da cabeça da gente. Acreditem ou não, nós vimos o monstro.

(reportagem de A Gazeta de 02/08/1984, com João Valadares)

Esta entrevista saiu do jornal televisivo do Espírito Santo diretamente para o Jornal Nacional chegando até o Fantástico de domingo! Ou seja, a história do monstro teve uma enorme divulgação em rede nacional. Lógico, os dois pescadores ficaram famosos!

Tanta repercussão mobilizou a Marinha de Guerra do Brasil que tomou algumas atitudes para descobrir que animal era aquele. Assim, foram enviados três navios de guerra para patrulhar a nossa costa em busca do tal monstro. Por precaução, a atividade portuária de transporte e comércio em Vitória, Vila Velha e no porto de Tubarão ficou interditada por três meses. E isso até eles descobrirem que animal era aquele que estava amedrontando os pescadores locais.

Pessoal, imagine só: o monstro foi capaz de paralisar o grande complexo portuário de Vitória-Vila Velha!

Com todo este ecoar, um certo dia bate à porta da casa do pescador Sr. Esmerino um Capitão de Mar e Guerra da Marinha do Brasil. Ele trazia consigo um livro de fotografias contendo animais marinhos de grande porte e em risco de extinção. Pacientemente, ele mostrou uma a uma as fotos destes animais, tal como o próprio Esmerino ao Prof. Merão em entrevista em 2024:

"O capitão nos mostrou todas as fotos do livro e eu tive a certeza que era um dos bichos que ele me mostrou ali e o João também."

(Esmerino entrevista em 2024)

Ambos os pescadores souberam indicar, sem hesitar, o animal que havia sido considerado como monstro. Era uma baleia! No entanto, esta baleia não era da espécie mais comum do nosso litoral, nos lembra o Prof. Merão, a Jubarte. Ela era da espécie conhecida como Franca. Sim, a baleia Franca está em alto risco de extinção* em nosso litoral.

* De acordo com a WWF-Brasil, em 2016, "Aproximadamente 71% das baleias caçadas no mundo foram mortas no hemisfério sul. Baleias fin, cachalote, azul, jubarte, sei, franca e minke foram as espécies mais caçadas no Oceano Austral (Atlântico Sul e a Antártida). Todas são consideradas ameaçadas de extinção mundialmente ou no Brasil."

(<https://www.wwf.org.br/253502/Santurio-de-Baleias-do-Atlntico-Sul> em 14/07/2025). E o link: <https://blogdopescador.com/6-tipos-de-baleias-em-riscos-de-extincao/> (em 14/07/2025)



Como os dois pescadores nunca tinham visto um animal dessa espécie, tomaram um susto tão grande que consideraram ser um monstro! Sendo a Jubarte a mais comum no nosso litoral, as duas espécies, Franca e Jubarte, têm um aspecto físico diferente quanto ao formato da cabeça: a cabeça da Franca é mais quadrada e maior em função de suas dimensões.



A baleia Jubarte vem ao litoral brasileiro durante o inverno austral para se reproduzir entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Norte. Ou seja, o Espírito Santo está na sua rota migratória, partindo da Antártida durante o inverno austral. Já a baleia Franca não tem o hábito de chegar tão ao norte, preferindo permanecer no litoral sul do país, especialmente, em Santa Catarina. Enquanto a Jubarte pode ter até 16 m de comprimento até 40 toneladas, a Franca pode alcançar até 17 metros, pensando entre 50 toneladas e 100 toneladas.

(https://www.bioicos.org.br/_files/ugd/c4e423_5f3f028c1b08442eb6b998d6dde770fa.pdf#page=51)



Outro desdobramento de tal repercussão dessa história tem relação com uma tradição carnavalesca típica na Barra do Jucu: o Bloco Surpresa. Prof. Merão nos diz que este bloco, o maior bloco de carnaval da comunidade, surgia justamente nessa época. Para o seu desfile, os organizadores fizeram um Monstro Marinho gigante! O boneco-monstro do bloco parecia um dinossauro, tendo a sua boca recheada de alguns goiamuns e sururus, alimentos muito apreciados na comunidade. Era tão exagerado que este "espécime" teve dificuldade para passar nas ruas da Barra por conta dos fios de energia elétrica. Claro, isso foi uma brincadeira! O sucesso foi garantido, tão garantido que saiu nos carnavais da comunidade, de 1986 e 1987, sendo, ainda, muito lembrado até hoje pelos barrenses.



Esse é o caso da criação da Associação de Pescadores Artesanais da Barra do Jucu, em julho de 2025. Esta é uma estratégia surgida a partir da mobilização da comunidade pesqueira da Barra como forma de preservar esta atividade tão significativa. Só por continuarem existindo, os pescadores barrenses já são um exemplo de uma grande resistência.

Cabe lembrar, Pessoal, que os pescadores são o começo da nossa comunidade da Barra, nos diz o Prof. Merão!

Dante dos desafios atuais, as dificuldades são imensas para a comunidade e para os pescadores. Estes reclamam recorrentemente da diminuição do pescado e da falta de apoio do poder público. Alguns dos nossos pescadores barrenses vivem exclusivamente da pesca, passando por sérias dificuldades econômicas. A maioria deles tem na pesca um complemento de renda, realizando-a nos momentos de folga de um outro trabalho mais estável cotidiano ou até mesmo quando estão desempregados.

Pessoal, para se ter uma ideia, a Regina Ruschi, em roda de conversa de 2023, menciona sobre esta resistência fundamental dos pescadores para a identidade local reforçando as dificuldades cotidianas encontradas por eles:

[...] Uma coisa de resistência da Barra do Jucu, os pescadores, eles vivem à míngua na Barra do Jucu, hoje os pescadores, mas eles não deixam de ser os pescadores. [...], mas eles não deixam de ser pescadores, eles não se dobram, eles não aceitam perder os seus conhecimentos e serem, por exemplo, ajudantes de pedreiro, de serem eletricistas, de serem, não sei, então eles são resistência. [...] eles eram mestres, os pescadores. Que estão indo embora agora, os antigos, eles eram mestres, eles entendiam de navegação, eles navegavam por astros, porque eles saíam 4 horas da manhã e ia ter o que para navegar, não tinha bússola, não tinha coisa nenhuma, então era astros, os pontos que eles pegavam. Os pontos geográficos exatamente, era Mestre Álvaro, era não sei o que fazia triangulação para chegar ao pesqueiro, eles sabiam onde era o pesqueiro, porque ali o fundo tinha uma pedra ou porque ali tinha um determinado crustáceo ou tinha uma alga que tal peixe comia. Quer dizer, eles entendiam da fauna, flora, de maré, de tempo. Eles entendiam de tudo, faziam barcos, faziam redes, faziam um monte de coisa. Eles eram mestres. Eles tinham orgulho daquele conhecimento todo. [...] Agora, como é que pode virar um ajudante de pedreiro da construção civil, um jardineiro. Isso acabou com a autoestima deles e ainda assim eles resistem. Eles não se dobram, então eu acho que a maior resistência cultural daqui é essa questão que está intimamente ligada ao meio ambiente.

(Regina Ruschi, em roda de conversa de 2023)

Esta narrativa lança luz ainda sobre os saberes locais tradicionais destes pescadores, identificando trajetórias de navegação marítima, pesqueiros, localizações, enfim saberes que são passados por gerações provavelmente desde o surgimento da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Oi, Pessoal, aqui é Prof. Merão falando diretamente com vocês!

Vocês gostaram destas histórias que aqui resgatamos e registramos? Qual seria melhor na sua opinião sobre a existência de um tesouro enterrado no Morro da Concha ou sobre o monstro avistado pelos dois antigos pescadores barrenses? O nosso objetivo foi dar visibilidade e legitimidade a ambas, pois elas são parte da história popular da Barra do Jucu e, consequentemente, formam a identidade do nosso território Barrense.

Queria esclarecer que este relato que vocês leram não chega até nós pelas redes sociais como é o mais usual nos dias de hoje. Toda esta riqueza de informações relatada aqui passa, portanto, de geração para geração pela tradição oral do povo Barrense! Tudo chegou até aqui pela oralidade, pelo falar de um morador mais antigo para um mais novo. São conversas acontecendo dentro das nossas casas; ou nas calçadas e ruas da Barra do Jucu; ou na praça em frente à Igreja Nossa Senhora da Glória; bem como às margens do Jucu; ou ainda nas areias das nossas lindas praias em frente ao nosso marzão recheado de surpresas...

Você teria uma história para nos contar?

É genial, não é mesmo, esta forma de transmissão de um patrimônio cultural e socioambiental que não emprega outra tecnologia além do simples e fundamental estar junto com o Outro!

Este ambiente tão curioso da Barra é o palco privilegiado para as histórias populares persistirem ao tempo. E isso graças aos Barrenses - muitas vezes, invisibilizados pela correria do cotidiano atual. Sendo assim, vale registrar aqui que as informações das partes deste livro sobre o Tesouro do galeão espanhol e a sobre o Monstro marinho avistado por alguns pescadores foram resgatadas em conversas com diversas personalidades Barrenses.

Em 2017, o Museu Vivo da Barra do Jucu realizou uma roda de conversa, com os velhos pescadores daqui, que, então, viviam o dia todo na Praia da Concha, por conta da pescaria. Questionados sobre o Tesouro, todos conheciam a história e haviam encontrado o francês, como eles chamavam, Charles. Paulo Lira, Esmerino Laranja e Marcelo Farich disseram que o francês não encontrou a riqueza procurada. Enquanto Seu Alcestes Laranja disse que se ele tivesse encontrado não falaria para ninguém, o que segundo ele, foi feito pelo francês.

Ou seja, será que Charles encontrou e não comunicou a ninguém, levando este segredo para o seu túmulo? Quem sabe?

No entanto, Pessoal, me parece ser bem difícil passar pelas ruas da Barra, sem ninguém desconfiar, com um tesouro nas propriedades que seria o nosso tesouro, fruto da exploração colonial em terras andinas. Será que o mais provável seria que alguém tenha vindo até o Morro antes de Charles e levado embora essa riqueza fabulosa? Afinal, mais de 130 anos se passaram entre o saque ao galeão espanhol saído de Lima, no Peru, e a chegada de Charles Baffet à Barra do Jucu e suas buscas no Morro da Concha.

Convenhamos, em um século muita coisa pode acontecer! Inclusive, será que existiria alguma informação guardada ainda a ser descoberta?

Se você, Barrense ou não, conhece alguma, poderia nos contar?

Se não conhece, faça como Charles, deixe a curiosidade fluir, pesquise, indague aos mais velhos, converse com pessoas que possam ter conhecido os antigos pescadores. Estes são ainda famosos por serem ferrenhos contadores tanto de histórias como de estórias!

Finalmente, eu e meus colegas autores deste livro queremos expressar o nosso enorme reconhecimento pela contribuição que vários Barrenses prestam ao compartilhar, em conversas, o patrimônio cultural e socioambiental Barrense de modo a valorizar o patrimônio material e imaterial deste bairro de Vila Velha fortalecendo a nossa identidade coletiva.

OS RECORDADORES: VOCÊ OS CONHECE?

Pescadores-recordadores:

Esmerino Laranja, João Valadares (João Rã Rã), Marcelo Farich, Fortunato, Mestre Vitalino, Valcyr Vieira e Muriçoca.

Recordadores igualmente fundamentais:

Daniel Vieira, Kleber Galvêas, Geraldo Pignaton, Regina Ruschi, César Guedes, João Gervásio, Márcio Filgueiras, Petrus Lopes, Nélson Abelha, Deusa Bravin, Renato Shalders, Mônica, Vinícius (Burrinho) de Oliveira, Anita Bonadiman Galvêas, Ricardo Vereza, Dona Dorinha.

Nossa gratidão pela compreensão e pela cooperação de cada um de vocês para este registro das dinâmicas territoriais, das experiências de vida e do patrimônio material e imaterial da comunidade da Barra do Jucu.

Aos pescadores como Seu Alcestes Laranja, Esmerino Laranja, Paulo Lira e Marcelo Farich; e ao pintor e ambientalista Kleber Galvêas, nossas principais fontes de inspiração na elaboração deste livro.



IN MEMORIAM

Pescadores antigos da Barra, já falecidos:

Inácio Vieira, Giovani Vieira, Selinho, Hildebrando Sampaio, Agenor Laranja, Alcestes Laranja, Amadeu, Írio Leão, Paulo Lira, Lilico Valadares, Jorge Brega, Marcílio Mazega, Seu Beraldino, Helinho, Joãozinho Valadares, Haroldo Vieira e Magaiver.

Recordadores antigos da Barra, já falecidos:

Marina Sampaio, Juracy dos Santos, Charles Baffet, Dona Maria Silva, Mestre Zé Silva, Darcy Vieira, Maria Luísa Valadares, Sultane Valadares.



Dário Utárcio de Souza Menno.

O MORRO DA CONCHA E SEUS CONTOS POPULARES: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UMEF DR. TUFFY NADER

Pessoal, vale esclarecer que os desenhos encontrados neste ebook são fruto de uma atividade de educação ambiental envolvendo alunos do 8º e 9º ano da UMEF Dr. Tuffy Nader, situada na Barra do Jucu. Esta atividade foi organizada e desenvolvida pelos professores Homero Bonadiman Galvães (professor de História e mestre em Sociologia Política) e o professor de Artes Daniel Ramaldes, com a cooperação e o grande apoio da diretora Profa. Renata Marvila. Esta atividade se transformou no Concurso de Desenhos sobre as Histórias do Morro da Concha, um evento de várias etapas durante o primeiro semestre de 2025.

A primeira etapa foi a de contação, pelo professor Homero, das Histórias do Tesouro do Morro da Concha e do Monstro Marinho do mar da Barra do Jucu, durante três aulas. A segunda etapa envolveu o professor Daniel, que incentivou os alunos a realizarem desenhos inspirados nas Histórias durante duas semanas de aulas. A terceira etapa foi a de avaliação e seleção dos três melhores desenhos por turma pela comissão julgadora, formada pela diretora e os dois professores citados. E a penúltima e quarta etapa do projeto: a premiação dos autores dos três melhores desenhos por turma. Isso se tornou um grande evento no auditório da escola com a presença de todos os alunos das turmas do 8º e 9º e a participação de professores da Tuffy e da Profa. Teresa Rosa para a entrega da premiação. Nesta ocasião, os autores deste ebook comunicaram a intenção de inserir os desenhos premiados como ilustração do mesmo, o que deixou todos bastante contentes! A última etapa é a do lançamento deste ebook no mesmo auditório da Tuffy.

Pessoal, já observaram como os projetos que dão origem a este ebook se interrelacionam e como cada um deles conta com a COOPERAÇÃO de cada envolvido? Em um momento, foram os alunos que cooperaram; em outro, foram professores colaborando ou pesquisadores escutando e registrando saberes e conhecimentos de barrenses que... Estão "materializados" neste ebook que você está lendo e que estará sempre acessível hoje e no futuro.

Enfim, este livro que você está acabando de ler é resultado desse esforço colaborativo de um conjunto de várias pessoas que se interessaram e se mobilizaram em contribuir para construir algo: este ebook! Trabalhar de maneira cooperativa ou colaborativa não é fácil - cada envolvido tem um ritmo e uma opinião - mas é muito enriquecedor por ser uma aprendizagem que dá frutos!

Ser premiado num concurso é para alguns. Ter seu desenho como ilustração em um livro é para poucos! O melhor é que o ebook registra estes projetos como um resultado final de uma trajetória que é parte da vida de cada um que colaborou para ele ser o que é!

Parabéns, alunos do oitavo e nono ano da escola Dr. Tuffy Nader, vocês são parte deste livro!!!

Parabéns ao corpo docente integrando este projeto!!!

Alunos Vencedores do Concurso

8º Ano A:

1º Lugar: Kayllane Viana da Silva Rodrigues
Luís Otávio de Souza Messa

8º Ano B:

1º Lugar: Maria Clara de Sousa Gomes e Gabriel da Conceição de Jesus
2º Lugar: Maria Helena Ferreira Castilho
3º Lugar: Sara de Oliveira Costa
4º Lugar: Gabriel de Oliveira Silva Isidório
Mylena dos Santos Miranda
Ismael Keven Ferreira Campos de Oliveira
Alice Cristal da Vitória



8º Ano C:

1º Lugar: Isabella Galvani Gonçalves
2º Lugar: Kelvin Caique da Silva
3º Lugar: Nicoly da Silva Conceição
3º Lugar: Luanna Santos Caldeira
Victor Lucas David Galvão
Bernardo Alves de Jesus Trebes
Maria Eduarda dos Santos Queiroz



8º Ano D:

1º Lugar: Ana Laura Martins Soares
2º Lugar: Lara Aparecida Angelina Radinz
3º Lugar: Ana Giulia da Silva Bastos



9º Ano A:

1º Lugar: Ronan Vieira Quintiliano de Jesus

9º Ano B:

1º Lugar: Maria Eduarda Moraes e Farias

2º Lugar: Gustavo Silveira Alves

3º Lugar: Isadora Mello Andrade

3º Lugar: Dieniffer Ferreira da Silva

Steferson Massenti de Oliveira

Lais Gabrielle Cristovão Cordeiro de Oliveira

9º Ano C:

1º Lugar: Yasmim Oliveira de Almeida

2º Lugar: Brunna da Luz Santos

3º Lugar: Kauã Comin dos Santos Ferreira

Jhuan Rodriguês Costa

Miguel Victor Roza de Jesus

Kauã Alves Barbosa



Corpo Docente envolvido no Projeto

Diretora: Profa. Renata Soraia de Assis Marvila

Pedagoga: Profa. Juliana de Oliveira Hemerly

Coordenadora: Profa. Lecy Araújo Stofel

Professores organizadores do concurso:

História: Prof. Homero Bonadiman Galvêas

Artes: Prof. Daniel Ramalde de Almeida



Galeria de ilustrações dos alunos



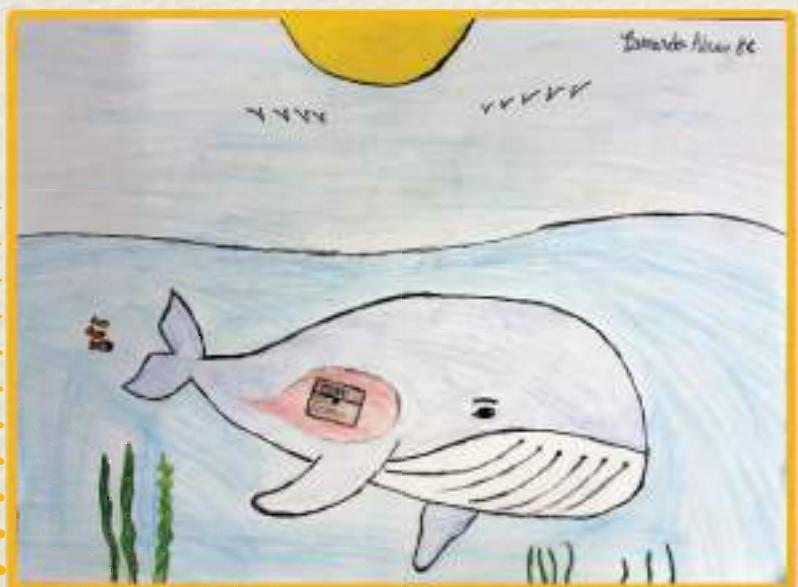
Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



Galeria de ilustrações dos alunos



AGRADECIMENTOS

- a comunidade da Barra do Jucu por possibilitar a realização deste projeto;
- aos recordadores que, através das suas memórias, preservam as histórias populares contadas aqui;
- aos alunos-autores de todos os desenhos, premiados ou não, que consentiram em participar do projeto de educação ambiental da UMEF Tuffy Nader - vocês foram e são excelentes!
- aos professores da UMEF Tuffy Nader envolvidos no projeto citado acima;
- ao Museu Vivo da Barra do Jucu por ações em prol do patrimônio Barrense;
- ao CNPq pela bolsa produtividade PQ-2 (Edital CNPq No 4/2021 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ) para a realização do projeto de pesquisa "Atores, discursos e redução de riscos de desastres em Vila Velha (ES)" (processo 306142/2021-0) e apoio da Universidade Vila Velha (ES).
- a CAPES
- a Regina Maria Ruschi, Arquiteta e Urbanista, Artesã, Pós-graduação em Ecologia e Paisagismo, Fundadora do Grupo de Rendeiras de Bilros da Barra do Jucu e Coordenadora do Projeto Barra de Renda, ES(Brasil). Email: rrrmruschi@gmail.com.
- ao Marcelo Farich, pescador da Barra do Jucu, Presidente da Associação de Pesca Artesanal da Barra do Jucu (APABJ)/ES. Email: farichmarcelo@gmail.com.

SOBRE OS AUTORES E DESIGNER

Autores:

Homero Bonadiman Galvães

Historiador. Mestre em Sociologia Política (UVV). Pesquisador do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais). Professor efetivo de história da Prefeitura Municipal de Vila Velha. Morador da Barra do Jucu desde o nascimento, participante das bandas de congo e membro da Associação de Pescadores Artesanais da Barra do Jucu. Email: bonadimangalveas@gmail.com. ORCID 0009-0004-5228-7397.

André Vianna Nascimento

Internacionalista. Doutorando em Sociologia (UFF) com estágio doutoral na Universidade Nova de Lisboa (NOVA) com bolsa Capes. Mestre em Sociologia Política (UVV). Pesquisador e coordenador-auxiliar do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais) Email: andreviannan@gmail.com. ORCID 0000-0002-9429-231X.

Teresa da Silva Rosa

Geógrafa. Pós-doutorado no (ZALF) e UFRRJ. Doutora em Sócio-économie du développement (EHESS, 2005). Mestre em Recherches Comparatives Sur Le Développement (École des Hautes Études en Sciences Sociales). Mestre em Ecological Design (The Robert Gordon University). Mestre em Educação (UERJ). Bolsista PQ2/CNPq. Coordenadora e fundadora do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais). Email: tsrosaprof@gmail.com. ORCID 0000-0001-6613-5088.

Melissa Ramos da silva Oliveira

Arquiteta e Urbanista. Pós-doutorado em Artes (Unicamp). Doutora e Mestre em Geografia (Unicamp). Especialista em Patrimônio pela Puc-Campinas. Docente permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação (em Arquitetura e Cidade/UVV). Docente dos Cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Design e Design de Interiores da Universidade Vila Velha. Líder do grupo de pesquisa Arquitetura, Cidade e Patrimônio, coordenadora do LEMC (Laboratório Espaço Mente e Comportamento). Email: melissa.oliveira@uvv.br. ORCID: 0000-0002-8529-5180.

Elisabetta Bucolo

Socióloga (CNAM-Paris). Pós-doutorado na Universidade Paris Panthéon-Sorbonne. Doutorado em ciências sociais no CNAM. Mestre em Ciências Políticas no EHESS. Professora do Conservatoire Nationale d'Arts et Métiers/CNAM - Paris, coordenadora do Mestrado "Intervenção e desenvolvimento social: economia social e solidária". Pesquisadora do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais). Email: elisabetta.bucolo@lecnam.net. Email: elisabetta.bucolo@lecnam.net. ORCID 0009-0002-0886-7197.

Michelle Bonatti

Engenheira agrônoma. Pós-doutorado (UVIC). Doutora (Universidade de Humboldt). Mestre em Desenvolvimento Rural (UBA). Pesquisadora Leibniz Center for Agricultural Landscape Research (ZALF), Müncheberg, Germany/ZALF, professora da Universidade Humboldt - Berlin, professora associada da Universidade Vila Velha. Pesquisadora do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais). Email: michelle.bonatti@zalf.de. ORCID 0000-0001-8511-5365.

Stefan Sieber

Engenheiro agrônomo. Doutorado em Economia de Recursos e Meio Ambiente. Pesquisador no Leibniz Center for Agricultural Landscape Research (ZALF), Müncheberg, Germany/ZALF, professor da Universidade Humboldt – Berlin. Pesquisador do NEUS (Núcleo de Estudos Urbanos e Sócio Ambientais). Email: stefan.sieber@zalf.de. ORCID 0000-0002-4849-7277.

Designer gráfica:**Maria Eduarda Fontes Domingues**

Estudante de Design na Universidade Vila Velha (UVV), com interesse em design gráfico. Bolsista de Iniciação Científica da FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo) e integrante da EJUVV (Empresa Júnior da Universidade Vila Velha). Email: mefontesdomingues@gmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balestrero, Heribaldo Lopes. **A obra dos jesuítas no Espírito Santo.** Viana: Empório Capixaba Projetos Culturais, 1979.
- Espírito Santo. **Lei nº 4.107**, de 05 de julho de 1988. Fica transformado em área de preservação permanente o Morro da Concha na Barra do Jucu, no município de Vila Velha. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LEI41071988.html?identificador=39003000310033003A004C00>.
- Espírito Santo. **Lei nº 5.427**, de 28 de julho de 1997. Fica criada a Reserva Ecológica Estadual de "Jacarenema" situada na Barra do Jucu, no Município de Vila Velha. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LEI54271997.html>.
- Galvêas, Homero Bonadiman. **A História da Barra do Jucu. Gênese da Cultura Capixaba Desenvolvimento Sociocultural da Grande Vitória. Barra do Jucu**, 2005. Disponível em: www.galveas.com/homero.
- Galvêas, Homero Bonadiman. **História socioambiental e cultural do Território do Baixo Rio Jucu: o caso da Barra do Jucu(Vila Velha, ES, Brasil).** 2024. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2024.
- Galvêas, Kleber. **Demolindo a identidade capixaba. Ensaios e crônicas.** Barra do Jucu: Ed. 1º, 2011.
- Hartt, Charles Frederick. **Geologia e Geografia Física do Brasil.** Trad. Edgar Sussekind de Mendonça. Série 5. Coleção brasiliiana. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1941. Vol. 200 (publicação original em Boston em 1870).
- Novaes, Maria Stella. **História do Espírito Santo.** Vitória: Fundo Educacional do Espírito Santo, 1970. (1958).

FONTES ICONOGRÁFICAS

1. Site Praias Capixabas, acesso em 14 de outubro de 2025;
2. Site do Google Maps (imagem aérea), acesso em 12 de outubro de 2025;
3. Acervo próprio dos autores;
4. Site Blog spot, acesso em 04 de agosto de 2025;
5. Prefeitura Municipal, Site Patrimonio, acesso em 09 de junho de 2024;
6. Site Século Diário, acesso em 24 de junho de 2024;
7. Site Tribuna Online, acesso em 18 de outubro de 2025;
8. Acervo próprio dos autores;
9. Site do Google Maps, acesso em 23 de junho de 2024 (foto com alteração dos autores);
10. Acervo próprio dos autores;
11. Site de leilões, acesso em 09 de junho de 2024;
12. Página do facebook 'Fotos antigas da Barra do Jucu', acesso em 30 de junho de 2024;
13. Site APE ES, acesso em 25 de junho de 2024;
14. Site do Google Maps (imagem aérea), acesso em 12 de outubro de 2025;
15. Site do Museu Vivo da Barra do Jucu, acesso em 09 de junho de 2024;
16. Site Morro do Moreno, acesso em 04 de agosto de 2024;
17. Site A Gazeta, acesso em 15 de novembro de 2025;
18. Site do Google Maps, acesso em 23 de junho de 2024 (foto com alteração dos autores);
19. Site Olhar Oceanográfico, acesso em 16 de novembro de 2025;
20. Site 123Ecos, acesso em 16 de novembro de 2025;



NEUS
Núcleo de Estudos
Urbanos e Sociais



CNPq



FAP
ES



CAPES



UNIVERSIDADE
DE VILA VELHA

ArqCidade

